

Casão - Lisboa
X Cláudio Veiga
R5
propaganda
doutrina
A-V

Carta do Chefe-Fundador ao Sr. Nobre de Almeida, Chefe Regional no Rio.

Caro Nobre, Glória à SS. Trindade!



AÇÃO IMPERIAL
PATRIANOVISTA
BRASILEIRA
GABINETE DO
CHEFE GERAL
CAIXA 2261 - SÃO PAULO

Agora, só responderei as suas cartas quando V. responder cabalmente as minhas e não passar de largo sobre o problema da Autoridade em Patria-Nova, segundo a concepção inicial que tem de prevalecer custe o que custar. Por falta de respeito a essa concepção e que Patria-Nova se tornou uma bagunça em que todos querem ser o Chefe... e talvez V. também em cartas que não chegam a S. Paulo. Não quero que a letra estatutária mate o espírito de Patria-Nova e, com o espírito, a própria Obra.

O Supremo Conselho está morto por inoperância e deslealdade. E V. gosta dessa morte! Afirmando-me Chefe, e o sou. Não quero mais discussão sobre o caso. A a.m.b. está morta aqui, e P.M. está aberta para quem depuser orgulhos e preconceitos idiotas. O que for de bem para o Patrianovismo, fa-lo-ei oportunamente, mas não aceito imposições de ninguém. Em último caso, ficarei só em S. Paulo, até que os outros Brasileiros compreendam a altitude da minha firmeza. Em quatro meses aumentei a propaganda para mais de 10 municípios, publiquei a custa de chefes e cooperadores paulistanos mais de 70.000 prospectos, fiz duas handêfraz e preparo já outra, sendo que a 2ª visitou 5 cidades e uma vila.

Não me quero pôr peias e algemas por meio de prudefências burguesas, republicanas. Sejamos leais e trabalheiros. Sobretudo, sejamos cristãos e singeros e francos. Os cépticos voltarão no dia da proxima definição, quando se erguer contra todos nós o comunismo, como na Espanha. Quem hoje discute a minha autoridade discutirá todas, pois a malícia e bífrentismo é instituição moral que a república e, mais, o liberalismo implantaram no Brasil. Quem não obedece a Chefia Patrianovista que está aqui p.a. dizem, obedecer ao futuro Imperador distante é como quem não obedece ao Papa para "obedecer" a Deus, ou não obedece ao seu Bispo p.a. obedecer ao Papa.

Estoy cansado dessas miserias! V. não quer obedecer... por amor da Causa?!... Chefe o Rio! Trabalhe! Mas, por amor da paz e da unidade que diz amar, não intrigue as províncias quando justamente as cousas se vão natural e providencialmente normalizando e eu cogito muito superiormente de dar forme mais perfeita e política a nossa Organica que os pretenzos sabidos em política iam pondo a perder.

Paciência!
Viva Pedro III!

(ass.) Veiga.

a 12/8/36.

PELO TERCEIRO IMPÉRIO

(Afirmações do Chefe Geral)

Brasil — Pátria Imperial

O Brasil é uma Pátria Imperial que não pode, de modo nenhum, ser república. A república não só não poderá resolver os problemas da Nacionalidade e do Estado, mas também é dissolvente, Anti-nacional, separatista. Setembro de 1929.

Política Orgânica

O Terceiro Império não será uma restauração, mas uma INSTAURAÇÃO, uma criação nova da vibrante alma brasileira do presente em harmonia com o meio brasileiro, com as aquisições das ciências sociais, à luz da Tradição que tem a sua lei irrefragável de continuidade. Set. 1929.

A concepção política patrianovista, porque é totalizadora (não totalitária) não deseja uma fachada imperial e, por dentro, todos os vícios da república ou, melhor, das democracias liberais com qualquer título — mas afirma a IMPERIALIDADE ORGANICA. Queremos a "política" brasileira, uma nova ordem em que todo o patrimônio, toda a actividade nacional se aproveitem, e toda possibilidade de verdade, de bem, de beleza e de utilidade possa ser actualizada. E toda essa grande realização PELA VIRTUDE que é o fim do homem na terra, nos integrará perfeitamente na comunidade universal a que não nos opomos, visto como agimos segundo estabelece a ordem sobrenatural que afirmamos, com orgulho de pertencermos à Igreja de Deus. Dez. 1929.

Reis Despóticos

Quanto aos suzrados chavões abstractos e teóricos acerca do despotismo do Rei (porque na prática sempre há os déspotas, mas electivos), não podemos desfazer em poucos meses tolices que vêm sendo repetidas mecânicamente desde que se criou a tirania maçônica-democrática no mundo; podem eles ser apagados somente pelos próprios ludidos, com muita coragem e estudo, observação e meditação, com vontade decidida de, convencidos, derrubar os ídolos e mitos da Revolução.

Esperança

Quando o Brasil cair totalmente em si do papel ridículo que está hoje agnóstica, democrática, parlamentar, anárquica, e revolucionariamente representando contra as suas sagradas tradições positivas; quando a mocidade brasileira acordar do sono que lhe comunicou o ópio da revolução estrangeira, teremos de menos uma república no mundo, e esplenderá imortal o único IMPÉRIO CRISTÃO das três Américas. 1930.

A perfeição da lei está na Representação Perfeita

A perfeição da lei está na verdade da representação; a verdade da representação está no voto dos produtores; o voto dos produtores está no sindicalismo; o sindicalismo é só no Império Orgânico; a perfeição da Lei está no Império Orgânico (Patrianovista)

PATRIA NOVA

Chefia Geral (Dr. A. Veiga dos Santos).

Rua dos Capitães-Generais, 121. — Cidade de S. Paulo

RECOMENDAÇÕES: Aos Patrianovistas recomenda-se o opúsculo da Chefia Geral — «As raízes históricas do Patrianovismo», à venda nas livrarias de São Paulo.

Amor ao passado - Garantia do futuro

Amamos o nosso passado, porque nele está a base, a lição do nosso presente e garantia do nosso futuro; porque o passado é a Religião, a Língua, a Terra, o Espírito Nacional, os nossos Antepassados lusos, negros, índios e mestiços, são os guerreiros, os padres, os bandeirantes, os trabalhadores, os nautas, os senhores de engenho; são as obras de todos os que nos precederam nestas terras que tiveram, conquistaram, lavraram, povoaram, defenderam, e organizaram as instituições que ninguém tinha direito de destruir em nome de fantasias idealísticas inconsistentes para a realidade!

Republicanização da República...

«Republicanizemos a república! dizem certos «salvadores». Outros dizem que a república, para se salvar, precisa ser «monarquizada»; mais afirmação da autoridade, mais respeito à lei, mais tempo de governo e, até, representação das classes (à moda patrianovista).

Que é, afinal, «republicanizar a república»? — Uma bobagem! Pois hoje-em-dia há MAIS REPUBLICA que no começo dela (ou não?) e, logicamente, mais anarquia. Havia, então, um resíduo de ordem monárquica. E hoje?!...

Mais república, portanto, significa menos governo, menos hierarquia, menos disciplina, menos ordem, menos garantia do bem público, mais confusão, litígios, ruína, bancarrota, crise, e, pior é que o crime não distingue governos nem governados, na república...

Republicanizemos a República! Não ha dúvida... 1930

Os homens é que são maus

Não é a república que é má, os homens actuais dela é que são maus! dizem alguns lunáticos defensores do indefensável.

Supina ingenuidade! Homens maus haverá sempre, em qualquer regimen. Mas a república, regimen individualista de ambição de mando, e todas as ambições, paraíso da mais sórdida gatunagem organizada contra a felicidade do povo, não coarcta os maus, torna maus os sofríveis e, peor ainda, faz péssimos os maus.

Conservadores??? Não!!!

O Patrianovismo não é CONSERVADOR, porque há muito que destruímos na decadente, injusta e anti-cristã sociedade moderna: — O PATRIANOVISMO é renovador, pois não merecem conservação os vícios de uma sociedade infame, de um regime infame que traiu a Deus, ao espirito, à inteligência e ao próprio sensível do homem, tendo no entanto na boca, muitas vezes, as mais belas máximas cristãs e humanas.

Muito há que destruir e muito há também que restaurar: a FORÇA por exemplo (Islam bem: a FORÇA!), para que os bandidos e os ladrões não vivam mais des preocupados e fartos do que os justos.

PÁTRIA-NOVA

ÓRGÃO DE PÁTRIA-NOVA (Centro
Monarquista de Cultura Social e Política)

CIDADE DE SÃO PAULO
CAIXA POSTAL 3540
Assinatura annual . . . 10\$000

CARTA DO FUTURO IMPERADOR DO BRASIL	25
A REFORMA POLITICA E A EGREJA CATHOLICA	27
REALEZA	29
FINANÇAS NACIONAIS	30
ESTADO INTEGRAL	34
MONARQUIA E REPUBLICA	36
NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO BRASIL	37
TRADIÇÃO ETERNA	45
CONSTITUINTE REPUBLICANA	46
III.º IMPERIO	46
E' COS	47
NA MESSE DA DOCTRINA	48

EXPEDIENTE:

DIRETOR-RESPONSÁVEL: ARLINDO VEIGA DOS SANTOS
REDATOR - SECRETARIO: SEBASTIÃO PAGANO



Revista

PÁTRIA NOVA

SERIE V — MARÇO DE 1933 — NUMERO 2
DIRETOR-RESPONSÁVEL: ARLINDO VEIGA DOS SANTOS
REDATOR - SECRETARIO: SEBASTIÃO PAGANO

CARTA DO FUTURO IMPERADOR DO BRASIL

Boulogne-Sur-Seine 25 de Fevereiro de 1933

A' PÁTRIA NOVA

Nota com extremo prazer que grandemente se propaga no Brasil a idéa da restauração do regimen politico que deu á minha Pátria largos annos de paz e de prosperidade, e no qual a uma tranquilla confiança se alliava a preciosa segurança individual. Nesse systema de governo destacou-se nobremente a figura immortal de D. Pedro II, modelo de honestidade e de acrysolado patriotismo.

Eu, pela vontade Divina, directo descendente do grande Imperador, que deixou no espirito dos brasileiros inapagavel

e saudosa recordação, procuraria, no throno dos meus antepassados, imitar o homem a quem o Brasil deveu o nome honroso de que sempre gosou no estrangeiro, e a brilhante e respeitada situação politica perante todas as nações do mundo.

Sou extremamente grato aos patrióticos esforços da Associação Monarchica que corajosamente defende os principios de um governo que trouxe á nossa amada terra a liberdade, e é hoje desejado por aquelles que mais ardentemente almejaram a actual forma politica.

Nestes lamentaveis dias que o nosso paiz atravessa, e em que se dissipam as illusões dos sinceros republicanos, a aspiração da "Patria Nova" encontra adeptos mesmo entre aquelles que mais convictamente combatiam outr'ora o principio que eu represento.

A "Patria Nova", aos distinctos defensores da nossa SANTA RELIGIÃO e do ideal monarchico, envio as expressões do meu affectuoso reconhecimento.

(a.) PEDRO HENRIQUE



A REFORMA POLITICA E A EGREJA CATHOLICA

A. FELICIO DOS SANTOS

Conforme noticia, que se affirma reuniu-se em São Paulo a maioria dos bispos d'aquella Provincia ecclesiastica, sob a presidencia do respectivo arcebispo, para tratarem das reclamações do catholico povo brasileiro referente á reforma da Constituição da Republica.

Diz-se que os alvitres lembrados e as suggestões de varias associações foram reduzidas a estas quatro que mereceram a attenção dos prelados:

a) — Que a nova Constituição seja promulgada em nome de Deus, a exemplo das Constituições de outros paizes, mesmo de populações não catholicas na maioria;

b) — Que seja facultado o ensino religioso e a assistencia religiosa ás forças armadas, aos presidios, hospitales e outros estabelecimentos;

c) — Que o casamento religioso de nubentes catholicos seja officialmente reconhecido sem outra formalidade além do registo civil obrigatorio;

d) — Que seja facultado o ensino religioso nas escolas e estabelecimentos de ensino officiaes.

A officialização da religião catholica como religião de Estado, suggerida por diversas mensagens, não foi objecto das cogitações nos representantes desta Archidiocese como já se noticiou."

Com muito pesar julgo insufficiente essas reformas para restaurar-se a moralidade e o patriotismo dos politicos, como era antes da Revolução de 15 de Novembro de 1889. O descalabro geral resultou evidentemente da suppressão da influencia salutar da religião no governo: sem que se revogue terminantemente a apostasia do Estado, nada ou quasi nada lucrará o povo brasileiro. E' necessaria a *officialização da Igreja*, substituido o systema de separação odiosa, «com prohibição de quaesquer relações entre o Estado e a Igreja», por um regimen novo de *Concordata* definindo claramente aquellas relações,

Os leitores d'"A União" conhecem muito bem minha opinião, os factos, e as razões que a justificam. Fiz eu o *historico exacto* da velhacaria maçonica da qual procedeu a apostasia da Constituição.

Não repetirei a expertise do athen Quintino Bocayuva explorando, com astúcia admirável, a ingenuidade e a cumplicidade dos seus collegas maçons, a uns, como Campos Sales, disputando o entusiasmo liberalesco... Em tempo oportuno fazendo demittir-se Demétrio Ribeiro, representante do Positivismo Comtista, depois de explorá-lo para o seu intuito sectário, não podendo d'elle conseguir as leis de mão morta e do ensino official.

Supplantadas pela votação da maioria, as repugnancias de Ruy Barbosa e de Benjamin Constant, nasceu aquelle manipanso bem ajazado aliás pelo estylo incomparavel de Ruy Barbosa.

A Constituinte causou grande decepção ao maçonismo emendando os artigos contrarios á liberdade religiosa, ficaram porém as expressões offensivas á Igreja, e as vigas mestras do maçonismo; o *cosmopolitismo* para a desgraça da geração actual e a suppressão do ensino religioso para a ruína da geração futura. Construcção realmente satanica!

A Providencia Divina suscita-nos esta occasião excelente para a reforma completa da apostasia.

O pronunciamiento geral do povo brasileiro foi contra á politica oriunda da deposição de Deus pela Republica. E havemos nós de perdê-la?

Não. Toda a imprensa catholica tem clamado. Quasi todos os catholicos auxiliaram ou applaudiram a elevação do actual governo. Bispos e sacerdotes celebram solemnemente a victoria da Revolução. Alguns padres a auxiliaram ou acompanharam como capellães as forças patrióticas. E bastarão medidas incompletas e inefficazes para a restauração da Patria brasileira?

Oh! Seria uma dolorosa decepção! Não. Não será assim.

Nossa esperança firma-se no que temos lido nos diários catholicos dos illustres arcebispos da Bahia, do Ceará, do Rio Grande do Norte, nos semanarios dos prelados de Minas e de outros Estados, nas proclamações do grande arcebispo do Rio Grande do Sul. Todos esses reprovam *in limine* o regimen de Separação, e a elle attribuem a desgraça da Patria. Como invocar o auxilio divino sem reclamar o reinado de Jesus Christo?

Porque disso estou absolutamente convencido, e porque, alem de catholico, sou patriota abnegado; porque, ainda quando fossem sufficientes aquellas suggestões de alguns bispos, para garantir os direitos puramente religiosos, do povo brasileiro, não bastam taes reformas decapitadas para a prophylaxia da politica.

Não ha negar que a revogação do divorcio do Estado com a Igreja é necessario para que se mantenha a moral na politica e na administração, na familia e na sociedade.

Si, em vez de nos guiarmos pela politica actual das novas nações, catholicas e não catholicas, *formadas depois da grande guerra, e portanto* muito mais modernas do que a nossa, todas as quaes adoptaram o regimen das *Concordatas* com o Papa, persistirmos no systema de atheismo, hoje professado na Europa só pela Russia e pela Turquia, em breve veremos a corrupção invadir de novo a politica, o governo e o povo brasileiro. Seremos compellidos a uma Revolução, tendo sido a actual um mero palliativo!

Assignando o tratado de Latrão, manifestou Pio XI o desejo e a esperanza que as nações christãs seguissem o exemplo da Italia — a União da Igreja com o Estado.

"A União" publicou, e eu fiz tirar em folheto, a Concordata da Polonia, a primeira assignada pelo Papa actual. Seguiram-na, mais ou menos, doze outros Estados, sendo que em alguns estão os catholicos em consideravel minoria.

Não creio estar em absoluta divergencia, felizmente em materia livre, com alguns bispos-novos. Lembramos porém que o mesmo succedeu ao grande escriptor catholico — Louis Veuillot de que não tenho sido digno de atar as currelhas dos sapatos.

Como elle, na minha divergencia *estou com o Papa*, e isso consola-me.

(25 de Janeiro de 1931).

N. R. — Publicamos este oportuno artigo, como homenagem ao maior Patrianoviata falecido, o saudoso jornalista A. Felício dos Santos.

R e a l e z a

Sabeis o que é a Realza? É o centro natural das associações; é a instituição, unica duradoura, em todos os tempos, lugares e civilizações; a que evita as perigosas crises da suprema eleição; a que habilita um homem a collocar-se em esphera superior a paixões e ambições humanas; meio suave de transição entre o passado e o futuro; alicerce de vasta pyramide, assento sobre a larga base do povo.

(pag. 38, "Os anarquistas e a civilização" por
Um pernambucano, ed. Laemmert, Maio 1860 - Rio)

FINANÇAS

Império

No celeberrimo discurso de achincalhe ás Finanças Imperiais, do que Rui Barbosa se arrependeu no fim da vida, pretendeu elle que "só em rarissimas e breves intercadencias se tem logrado, neste pais, o cambio ao par.

"Um relance d'olhos pela historia d'elle entre nós vos apontará, em poucos momentos, essas rapidas excepções, se não vos fatigar a monotonia d'este percurso entre asperos e solitarios algarismos.

«Em 1857 a média annual varia de 23 1/2 a 28; em 1858 de 24 a 27; em 1859 de 23 1/4 a 27; em 1860, de 24 1/3 a 27 1/4; em 1861, de 24 1/2 a 26 3/4; em 1862, de 24 3/4 a 27 3/4; em 1863, de 26 3/4 a 27 1/8; em 1864 de 25 1/2 a 27 3/4; em 1865, de 22 3/8 a 27 1/4; em 1866, de 22 a 26; em 1867, de 19 3/8 a 24 3/4; em 1868, de 14 a 20; em 1869, de 18 a 20; em 1870, de 19 3/4 a 24 3/8; em 1871, de 21 7/8 a 25 7/8; em 1872, de 24 1/2 a 26 3/8; em 1873, de 25 1/8 a 27 1/8; em 1874, de 27 3/4 a 26 5/4.

"Em 1875 (tomando a média quinzenal) o cambio subiu a 27 apenas durante 6 mezes e meio. Em 1876 manteve-se a 26 durante os dois primeiros mezes, fixou-se em 25 nos cinco seguintes, baixou a 24 em setembro e outubro, descendo ainda a 23 neste ultimo mez, e voltando a 25 nos ultimos 15 dias do anno. Em 1877 equilibrou-se em 24 durante oito mezes e meio, intercaladamente, subindo, em julho, outubro e novembro, a 25, e descendo, por tres quinzenas, em abril e maio, a 23. Em 1878 conserva-se, de janeiro á primeira quinzena de maio, em 24, desce logo a 23, onde fica até ao fim de outubro, baixando então a 22, até 15 de novembro e dali em diante a 21. Em 21 continúa nos dois primeiros mezes de 1879; cêe a 20, de março e abril; a 19, de maio a julho, para oscillar entre 20 e 23, de julho a dezembro. Em 1880 mingua de 23 a 20 nos cinco primeiros mezes, fluctuando entre 21, 22 e 23, de meados de maio a fins de dezembro. Em 1881 apenas no mez de agosto ascende a 23, cotando-se, durante seis mezes, a 22, e a 21 durante cinco. Sustenta-se a 21 em todo o anno de 1882, excepto na ultima quinzena de janeiro e nos dois mezes subsequentes, durante os quizes permaneceu em 20. No decurso de 1883 esteve sempre em 21. Em 1884 desce gradualmente de 21 a 19, continuando a declinar constantemente em 1885, de 19, em janeiro, a 17, em novembro, para subir em dezembro, a 18. Em 1886 elevou-se de 17 a 21. Em 1887 fixou-se na média de 22; descendo, em março e abril, a 21 e subindo, em dezembro, a 23. De janeiro a setembro de 1888 subiu de 24 a 26, elevando-se em outubro, acima de 27, taxa em que se manteve até abril de 1889; pairando, de maio a junho, entre essa e a de 26, para reascender, em julho, a 27, mantendo-se acima desse nivel até novembro, e descendo, em dezembro, a 25, 26/32.

"Durante 14 annos, de 1875-88, o cambio esteve regularmente abaixo de 27; em 1858, 1859, 1860, 1862, 1865, 1864, 1875, 1888, 1889, o cambio esteve a 27 e acima dessa taxa.

"Tomando o periodo de 1875 a 1889 (15 annos), temos o cambio abaixo de 27 durante 10 mezes, abaixo de 26 durante 10, abaixo de 20 durante 12, abaixo de 19 durante 10, abaixo de 18 durante 3 mezes".

NACIONAIS

República

Um dos representantes da geração da república, o Sr. Paulo Prado, diz no seu livro pessimista "Retrato do Brasil" (pag. 209): O Imperador "não escondia o desprezo pelos preocupações terra-a-terra da gestão dos negocios publicos. Deu-lhes, porém, uma feição característica, que será a gloria da Monarchia: o respeito religioso do dinheiro publico. Consequencia natural de uma das regras do Decalogo, esse principio fundamental de governo decorria da observação integral e estricte da Lei soberana. Dahi o ter sido o Imperio, por excellencia, a epoca dos juriconsultos".

Depreende-se, pois, que o erro é do regime sem Deus e sem Rei, portanto, sem orientação espiritual e sem chefia temporal, logo, irresponsavel, anarchico, dissolvente — republicano.

Recebendo essa bellissima herança imperial, a república não obstante as "cremalheiras" da politica financeira de Rui Barbosa, malbaratou-a. Aquelle monumento de prudencia e honestidade com alarde e chiste foi demolido pela incompetencia democratica. O cambio, que é um reflexo poderoso do estado das finanças d'um pais põe a nã esse quadro ruinoso. O maximo que em cambio a república atingiu foi o minimo a que o cambio desceu no Imperio em fugacissimos momentos. Acrescente-se que no periodo republicano tivemos três "fundings" vergonhosos acompanhados de concessões as mais humilhantes. O espectáculo torna-se mais triste si nos lembrarmos que a república recebeu do Imperio uma Patria formada e gloriosa tendo arcado com três guerras exteriores além da fundação do Imperio! Pois bem, nem mesmo durante os cinco annos da guerra do Paraguai o cambio aviltou-se tanto como seria de esperar, e assim mesmo o Imperio saindo de difficuldades não deixou dívida real, enquanto a república deve uns 220.000.000 £ — segundo dados deficientissimos — e a fortuna nacional com todo o cortejo fantasioso de suas industrias achou-se hipotecada nos judeus de Londres e New-York. Do credito publico, nem se pôde falar: o desnacionalizante "progresso" republicano afasta para longe o escrupulo financeiro que o garantia no Imperio e não gabado foi por Leroy-Beaulieu. A 15 de Novembro de 1889, o dinheiro em circulação num total de 192.890.000\$000 papel, valia 190.308.900\$000 em ouro, portanto, o papel valendo mais que o ouro! E hoje? Dolorosa interrogação... Já em 1898 diziam os banqueiros londrinos que anos antes haviam oferecido milhões de libras esterlinas de que o Imperio não careceu utilizar-se, respondendo á consulta dos financistas da república que pretenderam aproveitar-se da oferta: "tudo quanto dependa, neste momento, do credito do Brasil, é assunto que nem se discute nesta Praça".

Enquanto isso, o cambio, que em 1889 estava acima de 27, desce a 24 1/2 em Dezembro; em 1890 oscilla de 24 7/8 a 21 7/8; em 1891, de 19 7/8 a 12 1/8; em 1892, de 12 1/3 a 10 1/8; em 1893, de 13 1/4 a 10 13/16; em 1894 de 10 3/4 a 9 17/18, e daqui por deante, entre vertiginosas oscillações, a média annual foi a seguinte: em 1895, 9 13/16; 1896, 9 1/8; em 1897, 7 23/32; 1898, 5 5/8; 1899, 7 3/16; em 1900, 9 1/2; em 1901, 11 3/8

Esse trecho é transcripto do discurso de 3 de novembro de 1891 no Senado Federal (v. "Finanças e Política", pag. 16-18).

Para darmos uma visão em conjunto, tomemos o quadro estatístico do Sr. José Maria Dias da Cunha referente a 43 annos de Império até 1889.

TAXAS ANUAIS

ANO	MEDIA	MINIMA	MÁXIMA
1845	25 7/16	24 1/4	26 3/4
1846	26 15/16	25 1/2	28 1/4
1847	28	27	29
1848	25	21 1/2	28
1849	25 7/18	24 1/2	28
1850	28 3/4	26 3/4	31
1851	29 1/2	27 3/8	31
1852	27 7/16	26 1/2	28 1/2
1853	28 1/2	27 1/2	29 1/2
1854	27 5/8	26 1/2	28 3/4
1855	27 9/16	27	28 1/4
1856	27 9/16	27 7/8	28 1/4
1857	26 5/8	23 1/2	28
1858	25 9/16	22 3/4	27
1859	25 1/16	23 1/16	26 7/8
1860	25 13/16	24 1/2	27 3/8
1861	25 9/16	24 1/4	26 3/4
1862	25 5/16	24 3/4	27 3/4
1863	27 1/4	26 5/8	27 7/8
1864	26 3/4	25 3/4	27 3/4
1865	25	22 1/2	27 1/4
1866	24 1/4	22	26
1867	22 7/16	19 9/4	24 3/8
1868	17	14	18 7/8
1869	18 13/16	18	19 5/8
1870	22 1/16	19 5/8	24 1/4
1871	24 1/32	22	25 7/8
1872	25	23	26 1/4
1873	26 3/32	25	27
1874	25 25/32	24 3/4	26 3/4
1875	27 7/32	26 1/8	28 3/4
1876	25 11/32	23 3/8	27 1/8
1877	24 9/16	23	25 5/8
1878	22 15/16	21	24 5/8
1879	21 3/4	19 1/8	24 3/4
1880	22 3/32	19 7/8	24
1881	21 29/32	20 1/2	23 1/4
1882	21 5/32	20 1/8	22
1883	21 9/16	21	22 1/4
1884	20 11/16	19 1/8	22 1/2
1885	18 19/32	17 5/2	19 5/8
1886	18 11/16	17 1/8	22 13/16
1887	22 7/16	21 1/6	23 13/16
1888	25 1/4	22 1/2	27 9/16
1889	26 7/16	24 1/4	27 3/4

A 15 de Novembro de 1889, a £ valia 83648.

em 1902, 12; 1903, 12; 1904, 12 1/4; 1905, 16; 1906, 16 1/4; 1907, 15 1/2; 1908, 15 1/4; 1909, 15 1/8; 1910, 16 1/4; 1911, 16 1/8; 1912, 16 1/8; 1913, 16; 1914, 16; 1915, 12 1/2; 1916, 11; 1917, 12 3/4; 1918, 13; 1919, 14 1/2; 1920, 14 1/2; 1921, 8 1/2; 1922, 7 1/8; 1923, 5 1/2; 1924, 5 7/8; 1925, 6 1/4; 1926, 7 1/8; 1927, 5 5/4; 1928, 5 7/8; 1929, 5 7/8.

Perguntamos agora: a republica, quantas vezes atingiu o cambio ao par? NENHUMA.

E dizem os poetas e os mal-intencionados que "o real ainda não está consolidado..."

Respondemos nós outros: ESTA' FALIDO!

Tomando a taboa do sr. Dias da Cunha, temos, até 1903:

TAXAS ANUAIS

ANO	MEDIA	MINIMA	MÁXIMA
1889	15 Novembro	27 14/32	
1890	22 9/16	20 1/2	26
1891	14 29/32	11 1/2	20 1/4
1892	7 7/16	6 11/16	8 7/32
1893	11 19/32	10 7/8	13 16/16
1894	10 8/32	9 5/32	12 1/2
1895	9 15/16	9	11 13/32
1896	9 1/16	8	10 5/16
1897	7 25/32	6 7/8	8 31/32
1898	7 3/16	6 5/8	8 27/32
1899	7 7/16	7 11/16	8 7/32
1900	9 1/2	7	14 1/16
1901	11 3/8	9 23/32	13 13/32
1902	11 31/32	11 7/32	12 9/16
1903	12	11 5/8	12 5/8
1904	12 7/32	11 57/64	13 35/64
1905	15 87/64	13 19/32	18 1/16

Daqui por deante temos, o cambio bancario:

1906	14 1/2	17 5/8	16 10/16
1907	15 1/2	15 15/32	15 84/64
1908	15 1/6	15 3/16	15 6/32
1909	15 7/16	15 3/8	15 16/32
1910	15 1/16	18 1/4	16 54/64
1911	15 31/32	16 1/4	15 71/64
1912	15 31/32	16 5/16	15 43/64
1913	16 1/32	16 5/16	15 75/64
1914	10 1/2	16 1/8	13 5/16
1915	11 7/8	13 15/32	12 53/64
1916	11 1/4	12 31/32	12 7/64
1917	11 25/32	13 15/16	12 55/64
1918	11 3/4	13 15/16	12 37/64
1919	12 3/4	18 1/2	12 27/32
1920	9 1/2	18 9/16	14 1/32
1921	6 11/16	10 1/4	8 13/32
1922	6	8	7
1923	4 9/16	6	5 9/32
1924	4 7/8	7	6 3/6
1925	4 31/32	7 5/8	6 19/64
1926	5 5/8	7 31/32	6 51/64
1927	5 13/16	5 31/32	5 57/64
1928	5 29/32	5 31/32	5 60/64
1929	5 1/2	5 127/128	5 191/256
1930	4	5 69/64	4 119/128
1931	3 3/32	4 1/2	3 51/64

Estado Integral

Dr. João C. Fairbanks

Cessada a cruenta fase de insanias coletivas, aos espiritos calmos e desapassionados cabe o dever de procurar esboçar a reconstrução de toda a nossa sociedade política brasileira, em bases mais solidas, no sentido de evitar futuros desmoronamentos. Tal reconstrução não se dará nos moldes estreitos de simples fórmulas políticas ou panacéas constitucionais. Estas, na America do Sul, e como mui bem o observou André Siegfried, só subsistem no papel para serem violadas na prática...

* * *

Meticuloso exame de consciência cívica evidenciara ao brasileiro, de cultura média, que a Republica, como forma de governo, falhou. E que o liberalismo, ou individualismo, como forma de organização social e economica, transformando o **HOMEM EM LOBO DO HOMEM** só pode gerar instintos de cobiça e egoismo, que em seu paroxismo e por seu turno são geradores de perturbações como a da qual e graças a Deus vimos de sair. O conúbio de **REPUBLICA** com **LIBERALISMO** tem universalmente concebido a filha aleijada, que atende ao nome de **DEMOCRACIA**, prestigioso palavão, com "que se o povo nescio engana", parafraseando Camões. Da premissa verdadeira de que, neste mundo, todos nascemos iguais — por isso que aos olhos do Creador divino somos todos **PO', TERRA, CINZA E NADA** — a Democracia extrai a mentirosa conclusão de que todos devamos ter aptidões eguaes, mórmente para o exercicio da mais difficil das artes, qual a arte de governar os Estados.

* * *

Combatendo essa misconcepção, delicia-se no Universo a diretriz, que pretende substituir a Democracia — forma de governo em que se faz todo o mal á massa popular, sob o engodo de que ella é apta a governar-se — pela **DEMOFILIA**, isto é, forma de governo na qual a **AMIZADE AO POVO** vai ao ponto da franqueza rude, com que se lhe faz todo o bem possível, negando-se-lhe a participação directa, no governo, sob a constatação inegavel de que, para tão magna tarefa, só as elites têm aptidão.

O sustentaculo da mentira democratica universalmente firmou-se na instituição dos **PARTIDOS**, que a História registrará como a invenção diabolica segundo a qual uma **PARTE**, ou **PARCELA** (dali a palavra **PARTIDO**) desde a revolução francesa até nossos dias tem procurado sobrepor-se á Nação, ao **TOTAL**, explorando **INTEGRALMENTE** o país no beneficio **PARCIAL** de alguns.

No seu livro genial "Der Kaiser", Walther Rathenau conclue que a época dos **PARTIDOS**, dos governos oligarquicos, em que **ALGUNS** senhores, de casaca ou uniforme, suporham possível explorar a nação como um sindicato industrial e o homem como alimento de canhão, esta época **NÃO VOLTARÁ**, na impossibilidade da ressurreição respectiva. E' excusado insistir. Morreu e sepultou-se. E porque insistiram na possibilidade da subsistencia de tal época em nossos dias, foi que o Partido Republicano Paulista e o Partido Democratico de São Paulo, enlaçados em **FRENTE UNICA**, com o que só a si mesmos se iludiam de fortes e como dois páus podres da floresta que mutuamente se apoiassem para não cair, ao golpe, de algumas machadadas, desgraçadamente sangrentas, resvalaram para a vala comum de que jamais se exumarão. Dezenas de vezes, de 1930 para cá, eu o disse pela imprensa: tais **PARTIDOS** não compreendiam que sua subsistencia era materia dos arquivos historicos. E por isso, foram vencidos. Mas S. Paulo não o foi, porque S. Paulo é **INVENCIVEL** na sua pujança grandiosa.

* * *

Assim como é possível ao Kaiser voltar para a Alemanha sem que o "Kaiserismo" ali volte a dominar, meus votos de critão, de brasileiro, de paulista são no sentido de que em breve amnistiados, voltem a S. Paulo, **PERREPISTAS E DEMOCRATAS**, que, por simples incompreensão da sua época, tanto mal fizeram ao Estado e ao País. Mas, que jamais voltem nem "**PERREPISMO**" nem "**DEMOCRATISMO**", nem outra qualquer forma de partidarismo, porque qualquer d'elles se reveste do mesmo vicio original: o **PARTIDO**, a **PARTE**, a **PARCELA**, procurando sobrepor-se ao **TOTAL**, á **SOMA**, á **INTEGRALIDADE** nacional. E que assim compreendendo, seja estabelecido — o Estado **INTEGRAL** brasileiro, como expressão jurídica da Sociedade **INTEGRAL**, na qual verdadeiramente se somem não só **TODAS** as vidas de **TODOS** os homens, como **TODAS** as vidas de **CADA** homem, a saber:

a vida pré-natal (desvelos ao nascituro)
 a vida natural (desvelos à saúde, higiene, etc.)
 a vida familiar (cristianização da família)
 a vida social (cooperativismo, sindicatos de classe e de profissões)
 a vida económica (abolição da usura, salário mínimo etc.)
 a vida sobrenatural (aperfeiçoamento moral do homem para a salvação d'alma imortal).

Convenhamos que esse programma é bem mais promissor que o do liberalismo-burguês-democrático-individualista segundo o qual o homem tenha LIBERDADE (sic!) até para extorquir juros mensais de DEZ POR CENTO ao seu semelhante ou o da tyrania comunista de Moscou, consoante a qual o homem é reduzido a bêsta de carga, é maquina de produção, sem família e sem ideal supra-terreno.

Qualquer dos dois — burguesismo ou liberalismo-individualista e comunismo — são rotulos de ESCRAVIDÃO mascarando a LIBERDADE. Esta só é possível na caridade, no amor ao proximo que só existe no cristianismo, porque a unica fórmula de direção social em que a ovelha é QUALITATIVAMENTE igual ao rebanho, isto é, o menor dos homens valendo tanto quanto a maior das soberanias. E' o que se deduz da parábola do Bom Pastor, prégada por Aquêlê que ensinou, tanto para a existencia da terra, como para a do céu, que Ele era o Caminho, a Verdade, a Vida. Portanto, sem Ele, o descaminho, a mentira e a morte, que caracterizaram a carreira da constituição de 24 de Fevereiro que O renegára de seu texto, felizmente sepultada na orgia de sangue em que a afogaram os ultimos de seus sequazes.

A monarquia é a ordem
 A república é a anarquia



A Alemanha se volta para o passado, cansada de sua experiencia democratica e das agitações communistas. O instinto profundo da Raça descobriu — dizem alguns dos seus observadores — que a salvação da patria está na unidade de acção, na disciplina, na ordem, na hierarquia, em todas as grandes características fundamentais dos regimens monarchicos.

(de "O Estado de São Paulo", 3-III-1933
 a proposito do "Momento politico alemão")

Revol 30
 32

Artigo IV de Pátria-Nova

Nova divisão administrativa do Brasil

Divisão do País em provincias menores, puramente administrativas; Educação obrigatoria especial contra o espirito regionalista, e intensificação do amor á cidade natal ou MUNICIPIO celula da PATRIA IMPERIAL.

Falar em modificar a actual divisão politico-administrativa do Brasil, nesta epoca de fogueiras regionalistas, em que cada uma das antigas Provincias se arroga direitos de hegemonia; em que ha tratados guerreiros de umas contra outras; quando, em consequencia dos desmandos republicanos, desfralda-se a bandeira separatista em desespero de causa, pode parecer inoportuno e de maior exacerbação.

Quanto maior for a intensidade de um mal qualquer, mais vigoroso lhe deve ser o ataque.

PATRIA-NOVA procura ter sempre de observação o corpo enfermo do País entregue aos cuidados de esculapios improvisados, e vê nuns, os poucos de boa fé, a intenção firme de salvar o doente, e noutros, a maioria de má fé, o inabalavel proposito de o matar mais depressa.

Para PATRIA-NOVA, que assiste á confusão reinante entre os curandeiros, e suas estereis discussões sobre a terapeutica, paralelamente ao definhar acelerado do organismo pátrio, é impossível silenciar a sua opinião sobre os principais e mais perigosos cancros que o corróem, e deixar de aconselhar a poderosa medicina resultante da sua doutrina.

A Revolução de Outubro de 1930, cuja vontade de acertar ninguém pôde negar, baseou a sua vitória no principio de desagregação republicana ou federalismo, lançando estados contra estados; não a exprobramos por ter explorado meios ao alcance, mas lamentamos, (e aqui lhe vá o nosso apêlo), que não tenha feito desaparecer as armas de que se serviu,

por uma nova, imediata e conveniente divisão politico — administrativa.

O mesmo perigo, em que pereceu a republica, ameaça agora a integridade da ditadura; caiu com a republica a constituição de 1891, mas continuámos a viver os absurdos que ella contém, sem nos apercebermos do seu virus demolidor. Mostremos porém, em que se baseia o que afirmamos, convidando os nossos leitores a uma pequena meditação, diante de um mappa do Brasil e da Constituição nefanda.

No artigo 5.º d'essa planta exotica, que, de países frios e longinquos, passou a viver sob a estufa ardente tropico-equatorial da nossa pátria, entregue aos cuidados de jardineiros caprichosos mas inexperitos; no artigo quinto desse especimen importado que não podia deixar de definhar e fenecer, que se não poudo acimar porque a terra e os filhos da terra lhe foram infensos, lemos o seguinte:

Incumbe a cada Estado provêr a *expensas proprias* ás necessidades de seu governo e administração; a União porém, prestará socórrros ao Estado que, em caso de *calamidade publica*, os solicitar.

Tomemos papel e lápis, e, de uma corografia qualquer, passemos para colunas sucessivas os nomes dos atuais Estados e as cifras representativas da sua superficie, população, renda, vias de comunicação, potencialidade industrial e commercial, aparelhamento cultural.

Façamos as naturais e logicas comparações entre esses numeros; notemos a disparatada combinação entre as grandezas que representam e medem; lembremo-nos de que a todas e a cada uma das partes d'essa mal serzida colcha de retalhos de seda, chita, brim, casimira e até couro, deve ser aplicado o uso uniforme prescrito pela primeira parte do supra-citado artigo.

E a nossa intelligencia revoltada não pôde máis prender esta pergunta natural: "Como poudo o legislador considerar ainda casos de calamidade publica na parte final do artigo, quando a coexistencia de uma tal divisão e de um tal artigo já constituiu calamidade nacional perene?" — Foi e continua a ser um absurdo vivo e vivido. — A maioria dos atuais Estados vivem sob o jugo desse flagélo. — E como é possível que dêle se isentem, se permanecem inalteradas as determinantes causais d'essa disparidade?

Como poderá a União nivelar esses desequilíbrios, em que os recursos são inversamente proporcionais aos encargos, sem promover a equipotencia das suas partes componentes por uma nova e harmoniosa divisão politico-administrativa, em que, ao par de uma aproximada igualdade territorial das futuras Provincias, da sua paridade censitaria, e de uma equivalencia razoavel em capacidade produtiva e de circulação das riquezas, haja também o alijamento das partes mortas e parasitarias, cujo tratamento deve ser em separado e por medicos especialistas?

Obrigar a maioria dos atuais Estados a viver dentro do artigo 5.º da falecida constituição de 1891, é mandar correr e defender-se um homem agrilhado, é querer que se mantenha á tóna o que tem ao pescoço uma grande mó.

Diante d'esses cadáveres ambulantes que são os atuais federados, máis se nos confrange o coração ao lêr e meditar a venenosa parte final do mesmo artigo: "*A União, porém, prestará socórrros ao Estado que, em caso de calamidade pública, os solicitar.*"

Não será de máu aviso deixar ás partes a tarefa de pedir socórrro, relegando o poder central o seu dever de auscultar as necessidades do todo?

Como poderá pois ser o Brasil um corpo são, unido, forte, se no seu regulamento de vida está já estabelecido, como principio, o regimen do socórrro tardio, e esse mesmo "solicitado" pela parte calamitosamente enferma?

Quem, depois d'esta análise, deixará de descolrir, neste artigo da tão discutida defunta, o virus nefasto do regionalismo, do estadismo, do separatismo, do desmembramento, acalentado com carinho matérno pelo caldo de cultura tão propicio do federalismo?

Quem ousará contradizer PATRIA-NOVA quando afirma a republica como anti-nacional e separatista?

Façamos agora uma comparação entre dois artigos constitucionais; o segundo da constituição politica do Império do Brasil, e o quarto da carta magica de 21 de Fevereiro; ei-los:

"art. 2.º — O seu território (do Império do Brasil) é dividido em Provincias ha fórma em que atualmente se acha, as quais poderão ser subdivididas como pedir o bem do Estado".

"art. 4.º — Os Estados (da Republica Brasileira) podem incorporar-se entre si, sub-dividir-se, ou desmembrar-se, para se anexar a outros, ou formar novos Estados, mediante a quiescência das respectivas assembléas legislativas, em duas sessões ánuas sucessivas e aprovação do Congresso Nacional".

No caso da Constituição Imperial, encontramos o Estado atento sobre o seu próprio todo e sobre cada uma de suas Províncias, no sentido de crear novos centros de trabalho politico-administrativo pela sub-divisão destas, máis, desde que o exija "o bem do Estado"; pondo acima dos interesses regionais e naturais das Províncias o bem maior, o bem do todo, o bem do País; era esse interesse suprémo da unidade nacional a determinante imperativa de todos os governos.

Não se tratava certamente de sufocar interesses e aspirações provinciáes, de tratar desta parte em detrimento daquella, mas de aproveitar os esforços de cada uma, de dirigir e canalizar todos para o proveito comúm da nacionalidade.

Na Constituição Republicana não é a União que vêla sobre os Estados, não ha um plano central, geral; as partes, que são livres, podem ajuizar e decidir por si mesmas, da conveniência de uma sub-divisão ou desmembramento, podem fazer aprovar por suas assembléas regionáes anexações ou a formação de novos Estados, restando para a União, representada pelo Congresso Nacional a passividade de uma aprovação.

Na primeira fórma é o interesse nacional que impéra, nela reconhecemos o espirito profundo da unidade nacional; pela ultima é a vontade regional que manda, e não são necessários esforços demasiados para lhe descobrir o micróbio separatista.

E'ra tão unitária a Constituição Imperial, que jamais nela se cogitou da possibilidade de um choque guerreiro entre Províncias, ao passo que no artigo sexto da carta de 1891 encontramos esta perspectiva:

"art. 6.º — O Governo Federal não poderá intervir em negocios peculiares aos Estados, salvo:

I) para repeller invasão estrangeira, ou de um Estado em outro;

e depois desta insinuação malévola vem:

II) para assegurar a integridade nacional e o respeito aos seguintes principios constitucionáes: etc...

E' portanto a própria carta do País que admite a possibilidade de uma guerra intestina; é a própria constituição que reconhece neste artigo o caso, hoje comum, de Estados dentro do Estado, agirem entre si como potencias estrangeiras em beligerancia, ficando para a União o partido obrigatório do invadido.

E note-se que além de obrigada a tomar posição no lado de um dos brigantes, é também forçada a combater o invasor, pois, pela carta magica "*interven para repeller*". Pela Constituição de 1891, a União não pôde prevenir desastrosas situações como as que neste artigo prevê; só pôde vir depois, como parte do conflito, para ajudar a matar, a enterrar os mortos e tratar dos feridos.

E assim ségwe o respeitável artigo:

III) para garantir o livre exercicio de qualquer dos poderes públicos estaduáes, por solicitação de seus legitimos representantes, e para, independente de solicitação, respeitada a existencia dos mesmos, pôr termo á guerra civil.

A carta de 1891 é o tipo da máquina enguiçada (permita-se o termo), pois a União é por ella forçada a chegar a estrada em toda parte e a qualquer propósito.

Na importante obra da manutenção da ordem interna dos seus Estados, é desolador o papel da União; o legislador a colocou inteiramente fóra do sábio brocardo popular: "E' melhor prevenir que reparar"; haverá necessidade de chegar depois da festa, já ao brilho dos fogos de artifício?

Porque deve a União "*pôr termo*" á guerra civil, se a sua indeclinável obrigação era chegar antes della?

Não seria melhor que o legislador lhe conferisse a incumbencia preventiva ao em vés da repressiva?

Mas esse espirito bisôhno mais se evidencia na parte seguinte do mesmo artigo:

IV) para assegurar a execução das leis e sentenças federaes e reorganizar as finanças do Estado, cuja incapacidade para a vida autónoma se demonstra pela cessação de pagamentos de sua dívida fundada por máis de dois ános.

Sem critica alguma, á simples leitura despreocupada deste parágrafo, inferimos da completa nulidade da União

para zelar pela sua própria vida: basta uma pequena pergunta para aquilatar-mos da gravidade daquelle "para assegurar a execução das leis e sentenças federais":

Qual seria a significação da União, que pensar d'essa "união perpétua e indissolúvel das suas antigas provincias", tão preconizada no artigo primeiro, diante da análise já feita, e dos termos agora assinalados?

Pensemos um pouco no valor d'essa utopia, que deverá ser realidade, "Estados Unidos do Brasil", si a União se achar na emergencia de cumprir a primeira parte deste item em vários Estados, como São Paulo, Minas Gerais, Ceará, Goiás!

Não representa esta letra a hipótese infernal de uma guerra entre um ou mais Estados e a União?

Não é possível conciliar aquelle "regimen livre e democratico" estabelecido, decretado e promulgado pelos "Representantes do Povo" com esta séria consequencia.

Consideremos agora a cauda do parágrafo: "e reorganisar as finanças do Estado, cuja incapacidade para a vida autónoma se demonstrar pela cessação de pagamentos de sua dívida fundada por mais de dois annos".

Podemos applicar a esta o que diz das outras a sentença latina: "in cauda venenum", pois de facto é neste passo que mais se evidencia a bancarrota do regimen utópico que nos desencaminhou.

A União, ao se tornar republicana, analysou como mãe carinhosa a deprimente condição de seus filhos até então tutelados, e, num gesto de natural magnanimidade, e de coração materno, cego, mas ciioso do bem da prole, resolveu melhorar-lhe a situação.

Como poderiam esses rapazes continuár a viver sob o ambiente sufocante da tutoria materna? — Não; era necessário e imprescindível das liberdade a todos, tratar a todos com igualdade, para que se pudesse desenvolvér esse espirito de fraternidade que definia o século.

E no afan de realizár essa obra meritória, a mãe zelosa reuniu os seus conselheiros, aquelles que tinham ido ao velho mundo, para bebêr na fonte, a vitoriosa ciencia do século

Desse concilio augusto, cujo recinto era espadanado por luzes tão poderosas, surgiu um sábio conjunto de normas,

diretivas para a vida desses inexperientes é verdade, mas cheios de esperanças.

Ao julzo próprio de cada conselheiro, e também ao daquelle mãe solícita, pareceram demasiadas certas medidas; mas era preciso não trair a ciencia, e, para tratar de tão caras vidas seria criminoso recuar ante qualquer sacrificio.

Eis porque, entre outras providencias, tratou-se immediatamente do testamento da mãe viúva, que com altruismo e desprendimento, conservando apenas o necessário para um modesto viver, consentiu em se despojar da fortuna em benefício de seus imberbem rebentos. Nessa ansia de igualar perante o mundo aquelles que em seu coração eram iguaes, a União olvidou as desigualdades naturais; esqueceu-se de que, embora filhos da mesma mãe, uns eram pequenos mas saudios; outro, pequenos e opilados; estes, médios e cheios de vida; aquelles, exageradamente crescidos mas empanturrados de moléstias novas, desconhecidas; grande parte, crecida ao sol vivificante das praias e ao ar reconfortador dos climas de montanha; o restante, tendo habitado os pantanais, as catingas, as terras crestadas pelo sol sem chüvas, as margens pestilentas dos rios-mares.

Não foram considerados nessa partilha esdráxula, os compromissos já então existentes, e os recursos de cada um, inversamente proporcionais, na maioria dos casos.

Não se tratou de vér que a liberdade então estabelecida pela receita liberal-democratica, e á igualdade resultante do seu teor, eram camisas de força que se não podiam ajustar em corpos tão diversos.

Deixou-se para a cogitação das gerações do porvir o facto positivo de que o Brasil era um pais de colonização; que esta obra não estava ainda concluida como até hoje o não está, e que era portanto impraticável e inútil, mascarar com a fantasia da igualdade, regiões essencialmente desiguaes.

Apesar do espetáculo grotesco de liberdade, igualdade e fraternidade, provocado pelo 13 de Maio de 1888, porque sem o prévio preparo, repetiram-no os constituintes de 1891, com uma vesguice ainda maior.

A mesma vertigem que assaltou os negros brasileiros ao serem bruscamente lançados na liberdade e na igualdade mentirosas, filhas de uma fraternidade que não existia; a mesma sede de gozar a vida que anima um rapazola a quem

é dada a chave da casa envolta em peléas; tal foi o espírito que animou a maioria desses pequenos núcleos de colonização, iniciadores das antigas províncias, ao receberem em 1891 a sua carta de alforria; ao saberem que estavam rôtos os laços de disciplina, de obediências e de contas á União.

Ha quasi meio seculo que éssa liberdade sem base, e éssa igualdade absurda vêm tendo como consequencia desastrôsa a paralisação da obra gigantésca da colonização, apenas iniciada pelos nôtos maiores.

E a União, tão cheia de cuidados e mimos para com seus filhos, assistiu ao insuccêso financeiro de todos eles porque lhes concedeu maioridade por uma liberdade de fato dentro duma igualdade mentirosa.

Como não reservou para si nem o papél de conselheira, espéra que se generalise a última parte do tópicô IV do artigo 6.º do instrumento de martirio publico instituido em 21 de Fevereiro de 1891, para que, em peditório mundiál, pôssa comandar o batalhão de mendigos profissionais preparados com tanto carinho.

E' dispensável ir máis longe nêstas primeiras razões, em que baseamos a necessidade de renegar a Republica, e de assentar sobre uma nôva e harmônica divisão politico-administrativa o governo do III.º IMPERIO; outras razões hão de ser expôtas e talvez máis convincentes.

Para que não fique no espirito de alguém a possível idéia de boa fé por parte dos legisladores quanto ao caráter separatista da República Brasileira, finalizo com a citação de pag. 3 do livro "Finanças e Politica da República", de Rui Barbôsa, que em pessoa, fala como segue:

— "Não cuideis que tenho em mente a sombra dêsse hypothese, a que a irrisão popular ligou a jûsta alcunha de *sebastianismo*. Faço bastante justiça ao sisi dos meus ouvintes, para não os entreter com os medos, com os rídicos desse espétro. Uma república unitária, entre nós, seria talvez apenas um simples entre ato revolucionário, capaz de terminar pela restauração.

"O sr. Quintino Bocaiúva: — Apoiado.

"O sr. Rui Barbôsa: — Mas no dia em que o Governo Provisório proclamou a forma federativa, no dia em que o Congresso Constituinte entregou aos Estados o fordl da sua

autonomia, ficou estabelecido para sempre o dilema entre a República e o desmembramento (grifo nôso).

Podemos portanto afirmar que o crime foi premeditado, conciente e coletivamente realizado.

Não é possível alcunhar de bem intencionados os ingênuos, aquêles que, através de uma intelligência lucida, e capaz de desvendar o futuro, tiveram a nítida visão do mal desencadeado por suas próprias mãos.

Mas não podemos também deixar de apresentar a sua memória á execração dos brasileiros, e de lhes dar, á luz da história, o honroso titulo de *Traidores da Pátria*.

TRADIÇÃO ETERNA



Um povo jamais se desprênde das raizes do passado, e é criminoso todo o progresso que atenta contra as tradições legítimas de uma nação.

Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira

Constituinte republicana

Mutatis mutandis, como isto se aplica bem ao nosso País!...

"Votar uma Constituição da República equivale a realizar o acto mais solene da vida política de um republicano, qual é o consagrar, pelo diploma fundamental, a estrutura jurídica do regimen que elle deseja para a Nação.

"Não é, pois, com monárquicos que prezem a dignidade do seu pensamento e até do seu sentimento, cremos, que deve legalizar-se e consolidar-se a República, seja qual fôr a sua forma e o lugar que lhe assignem na ordem cronológica das suas successivas fundações...

"Esse destino, com glória ou sem ella, não o aceitamos nós: compete, por justiça, aos republicanos de ontem... e de hoje.

"Estamos em crer que para o Governo seria até suspeita a intromissão de monárquicos num acto de tão transcendente *republicanismo*, a menos que elles abdicassem as suas convicções ou delas não fizessem cabedal, por inguorância ou desprezo dos respectivos deveres.

"Para salvar a Nação, chamou a Ditadura a si todos os Portuguezes, e em boa hora o fez, governando e administrando o País durante sete annos, muito melhor e mais houradamente do que nos tempos da constitucionalidade dos partidos.

"Affim de alcançar esse objectivo, pôs de banda a Constituição demonstrando que ella, não só era desnecessária, mas até funcionava como estôrvo permanente à boa marcha da causa pública.

"Salva já a Nação, ao menos da derrocada financeira, se o Governo entende que nada mais há para realizar no País, fora do terreno constitucional, o dever patriótico dos monárquicos está cumprido: a República pode continuar a sua marcha, entregue a si mesma, mas não sem respeito pelos aliados da sua acção nacional, embora sempre adversários do seu direito, que, ao fazerem à Ditadura o sacrificio de uma trégua, não se aviltaram, escravizando-lhe ao mesmo tempo a razão politica e a dignidade da sua intelligência."

Dizem isso em Portugal os nossos queridos Irmãos D'Alem-Mar (pag. 661, fasc. XI, fev.º 1933, "Integralismo Lusitano").



IIIº Império

Alistai - vos na
AÇÃO IMPERIAL
PATRIANOVISTA
CAIXA POSTAL, 3540 - S. PAULO

É C O S

Imperialismo judeu-ianqui

A 7 de julho último, o sr. Casanovas, ex-chefe da secção latino-americana do Ministerio dos Negocios Estrangeiros Norte-Americanos apresentou ao então presidente Hoover um plano que, sem dõvida, representa a resposta dos Estados Unidos á ideia da união aduaneira sul-americana, pelo qual se destinam 350 milhões de dolares..... (4.200.000:000\$000, o dõlar a 12\$000) no fomento das relações comerciais com a América do Sul, sobre a base da obrigação, por parte dos paizes contratantes, de adquirir exclusivamente productos norte-americanos.

Já se viu proposta mais leonina? Os judeus de New-York (Jew-York) não inventariam tão fabulosa sõma sem terem interesses incalculavelmente superiores, como a república é um sistema de governo que, quer queiram quer não queiram os fanáticos, é por principio internacionalista, está claro que aquella grossa quantia revertirá em beneficio dos materiais do nosso meio, pois pela engrenagem maçonica têm nas mãos a imprensa, os deputados, os ministros e o presidente que é eleito segundo os seus interesses. Contra esse crime, sõmente o Império Nacionalista.

Judeus!

Hitler, subindo ao poder — como previramos, sem sermos imbecis (assim chama Nitti aos "provisõres"), em todos os seus detalhes bem um ano e meio antes — lançou-se contra a judiaria expirrando-a da Alemanha. De todas as partes surgiram protestos contra os "sofrimentos" infligidos aos "pobres" Israeli-

tas; contra a injustiça; contra a barbãrie.

Esse grande acontecimento internacional foi uma bellissima oportunidade para que os ignorantes da vasta bibliografia anti-judeu-maçonica constatassem como se acha disseminada e amparada essa perversa raça. O anti-semitismo no mundo pôs á evidência o poderio materialista dos judeus e o judaismo de quasi toda a governação mundial; o judaismo das artes e das sciencias; das finanças e da sociedade. Pobres judeus! Tão pobresinhos que foram os primeiros a instigar as perseguições romanas contra os cristãos e sãõ elles que vem ha 2000 annos combatendo a civilização cristã. Destruiram os Templarios; fizeram a Reforma e todas as guerras consequentes; realizaram a Revolução Francesa, o terror, as guerras napoleonicas, as guerras e revoluções successivas, a guerra russo-japonesa, a guerra mundial, a revolução russa, e agora pretendem realizar a revolução universal comunista para se tornarem triunfantes sobre o mundo. Mas chegou a hora de ajustarem contas. Hitler reagiu e a reacção continuou por todo o mundo, pois este é o momento decisivo da raça publica autora das repúblicas e contra a maçonaria.

Tte. Severino Sombra

Acha-se em Lisboa, exilado, por causa do movimento constitucionalista, o nosso querido e denodado companheiro Tte. Severino Sombra, o grande fundador da Legião Cearense do Trabalho.

Deante desse gesto do Governo Provisorio, não podemos ficar quietos, e aqui consignamos o nosso preito de solidariedade ao Com-

panheiro brioso e destemido que apenas procurou por todos os meios obter uma paz irmanadora, sem vencedores ou vencidos, reintegradora dos nossos patrícios na comunhão brasileira, esquecidos os odios e rancores advindos das intrigas dos partidos e da república dissolvente, antinacional, separatista. O Tenente Sombra nem sequer tomou iniciativa independente: com a maior lealdade e coragem, informou os representantes do Governo Central a respeito do seu plano de cessação da luta. Quis como brasileiro, que acabasse o luto e a dor pensando as feridas sangrentas e adoçando os corações lançados. Si, pois, o gover-

no procedeu bem enviando para fóra do País aquêles que não titubearam em lançar o Brasil em tão hedionda guerra civil, enganou-se a respeito do Tenente Sombra exilando-o injustamente. Já pedimos nos nossos Queridos Irmãos d'Alem-Mar (os Integralistas Lusitanos) que recebam o nosso grande Companheiro, e esperemos que o Governo, reconsiderando o seu ato, não tarde encurtará o exílio desse homem que é uma das maiores realidades dentre os valores da Mocidade Brasileira Patrianovista que ha de salvar o Brasil dividido pela república, instaurando o Império Patrianovista que aí vem.

NA MESSE DA DOCTRINA

IRMANIA. O sr. dr. Artur de Vasconcelos, incansável publicista, produziu mais este livro, cheio de ensinamentos como os outros que à mancheia há lançado. Dedicado à politica integralista, há-de porcerto influir nas intelligências, para que se derrubem os mitos democraticos, indignos da geração nova que já presente os luminosos albores de uma idade diferente da que finda. A edição é da caprichosa Livraria Editora C. Teixeira, nesta cidade.

ALTOS COQUEIROS, órgão do Grêmio Literário Joaquim Nabuco do Collegio Marista do Recife, sob a direção de Guilherme Auler, que doravante a abandona, partindo para a Academia de Medicina. Tem sido intemorata propagadora do Pensamento Patrianovista, graças á attitude digna do seu diretor e á intelligência doutros colaboradores. O n.º presente, um belo numero, é de janeiro d'este.

O PROBLEMA DA VINCULAÇÃO E O CASAL DE FAMÍLIA, por Xavier Cordeiro. 2.ª edição, Lisboa. Com prefácio do conhecido batalhador integralista, sr. Hipólito Raposo. O proprio título dispensa comentario. E' questão momentosa a do *vínculo*, a que os anglos chamam "homestead" e que há sido deploravelmente esquecido nos nossos povos iberos que nele tiveram a melhor garantia da família. E' esta a melhor contribuição que nos vem d'Alem-Mar para o estudo da restauração d'um instituto tão nosso e que interessa ao Art. III do programa patrianovista. Devemos a posse d'este livro á delicadeza do irmão lusitano, sr. dr. Valentino de Sá, administrador do "Integralismo Lusitano", a quem nos confessamos gratos.

(Por falta de espaço, publicaremos outras notas de edições no proximo número)

105.
Estatutos
da

Bases para a
Comissão da reforma
dos Estatutos.

Ação Imperial Salutarista

Glória à Santíssima Trindade!

I. A "Ação Imperial Salutarista", fundada nesta Cidade de São Paulo para se irradiar por todo o Brasil, é a organização política de todos os brasileiros que adotam a doutrina Imperial Salutarista, atualização dos princípios monárquicos tradicionais da Nação Brasileira.

II. A Chefia Geral Política da A. I. S. pertence a Pátria-Nova (centro monarquista de cultura social e política, igualmente fundado nesta Cidade), na pessoa do Conselheiro-Mor Imperial Salutarista, chefe do Conselho dos Fundadores da Pátria-Nova (Supremo Conselho Imperial Salutarista). - Vide publicação no "Diário Oficial" de 25/10/1928, pág. 8010.

III. O governo administrativo-político ^{da A. I. S.} é descentralizado nas províncias e municípios, cabendo aos Chefes provinciais e municipais, nomeados aquelles pelo Supremo Conselho Imperial Salutarista e estes pelos Conselhos Imperiais Salutaristas provinciais,

113.

2

sendo os C. I. P. provinciais politicamente subordinados ao S. C. I. P. e os municipais politicamente subordinados aos provinciais.

Sumo. A Chefia Geral Salazarista poderá juntar várias províncias sob uma só Chefia regional, segundo o exigir a situação das mesmas, podendo também os Chefes regionais, se o houver, criar subchefias, se se julgar necessárias à administração, de cuja autonomia é fiscal. Os Chefes, de acordo com os C. I. P., fixarão as contribuições conforme as possibilidades económicas do meio?

IV. Os C. I. P. provinciais e municipais são administrativamente autónomos, concorrendo todavia os municipais com 10% da sua renda para o provincial, e os provinciais com 10% da sua renda para o S. C. I. P.

Sumo. O modus vivendi entre os C. I. P. e os centros, círculos ou grupos Salazaristas de que trata o artigo seguinte será combinado entre os C. I. P. e os mesmos.

V. Os C. I. P. municipais são os fiscalizadores naturais de todos os centros, círculos, grupos ~~etc~~ e

outras associações particulares, ~~particulares~~ do Município (de várias classes, como universitários, ginásios, operários de vários mistérios, intelectuais, etc.), pois a função especial do C. I. S. é coordenadora, unificadora.

É necessária a esta ação a disciplina mais perfeita, a maior obediência hierárquica, disciplina e ~~obediência~~ ~~obediência~~ anunciadora da ordem do futuro Império; disciplina e obediência essas aceitas por todos os Patrianovistas em nome de Deus e do Imperador.

Em casos duvidosos a este respeito, o Chefe municipal deverá recorrer ao Chefe provincial.

§ único.

O C. I. S. municipal deve cuidar somente do seu Município, para não dispersar os seus esforços. Sendo o Município (autônomo e livre administrativamente na Doutrina Patrianovista), ~~esta~~ verdadeira célula política e imagem do Estado Imperial, a formação patrianovista deve ser encaminhada para a vida municipal e seus problemas "especialmente". O mais é feito pelos C. I. S. provinciais e supremo, bem como pelos jornais, folhetos e revistas divulgadores da Doutrina.

II.

O C. I. S. provincial consta de 13 (treze) membros responsáveis (incluso o Chefe) católicos-praticantes (condição absoluta para ser nacionalista integral),

sendo cargos indispensáveis os de Chefe, Secretário, Tesoureiro e Diretor da propaganda (estes três nomeados pelo Chefe & que poderá criar outros cargos, se os julgar necessários).

O C. I. P. municipal consta de 4 (quatro) membros responsáveis (incluindo o Chefe) católicos-praticantes, preenchendo os cargos de Chefe (que nomeia os outros:), Secretário, Tesoureiro e Diretor da propaganda. O Chefe municipal pode ~~também~~ também criar um cargo de "Conselheiro" mas os responsáveis e deliberadores são sempre os quatro.

§ I.

No caso de vaga nos C. I. P. (administração), escolhe-se, para preenchimento, entre os alistados que se tenham mostrado mais esforçados pela Causa.

§ II.

O juramento na recepção (que pode ser em cerimônia privada ou pública, à vontade do Conselho) é o seguinte, colocando o recipiêdo a mão direita sobre os Evangelhos:

— Juízo, perante Deus e Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil, defender a teoria política da afirmação da Raza e Pátria Imperiais Brasileiras e defender a Religião, a Pátria e a Família! Juízo também que nunca ~~perdoará~~

me filiarei à masonaria e outras seitas secretas, como inimigas que são de' meu Deus, minha Mãe Celestial, minha Pátria, minha família e meu Imperador!"

VII.

Nas capitais de província (quando o P. I. P. provincial nellea estiver, e o que é preferível) ou na Cidade em que estiver o P. I. P. provincial, pode haver, se necessário, dois Conselhos: o provincial que visa o trabalho de doutrinação, auxiliações, organização e unificação em toda a província, e o municipal que cuida do mesmo só no Município, sendo de deixar que, neste caso, um dos Conselheiros provinciais seja o Chefe municipal.

VIII.

Sendo o maior vínculo de união dos Imperiais Patrianovistas a unidade de Religião, de Doutrina Política e o amor da Pátria, devem todos procurar conhecer, o mais possível, a Religião Nacional e o Patrianovismo nas suas publicações, cultivando especialmente o amor ao Município natal ou em que se vive, bem como à Pátria Imperial, que - grande ao mesmo tempo o baatismo provincianista, futo da superstição republicana. A preocupação do Patrianovista deve ser a família, (que a faça incluir), o Município, cujas realidades e necessidades

102
6
deverá estudar muito, o Imperial Brazil e a Igreja
de Deus.

IX.

Onde quer que haja sempre declaradamente pa-
trianovistas, o Chefe do P. I. S. local é diretor dos
mesmos, ou, então, deve velar por que não caiam
em mãos suspeitas, e atentar na ortodoxia perfeita,
religiosa e patrianovista dos artigos (a não ser que a
folha dê liberdade de opinião aos articulistas, o que
é um vício liberal que devendo ~~evitar~~ proibir aos
nossos).

X.

Os franleiros das muitas províncias conhecem-se
pouquíssimo, desgrazadamente. É mister que os Patria-
novistas façam, o mais possível, um intercâmbio
nacional fraterno, individual e grupal, cartando-
-se, animando-se, informando-se mutuamente sô-
bre a Obra comum, trocando livros ou jornais, pra-
ticando sobre os grandes temas das Nova Gerações Pa-
trianovistas.

XI.

Para tratar dos interesses imperiais nas provín-
cias ou regiões, para conhecimento e animação reci-
procos, poderão reunir-se, de tempo a tempo, na
capital ou noutra cidade da província ou regiões,

103

7.

a Assembleia Provincial ou Regional Imperial Patrio-
 novista, que poderá ter, quanto à P. I. P., caráter
 apenas consultivo, pois a autoridade legislativo-
 - administrativa provincial ou regional pertence ao
 Chefe e C. I. P. provincial mediante consulta aos Che-
 fes municipais, ou à Chefia regional mediante con-
 sulta aos Chefes provinciais da região, assim como
 a autoridade legislativo-administrativa municipal
 pertence exclusivamente ao Chefe e C. I. P. munici-
 pal, legislando cada P. I. P. segundo a realidade
 do meio, "vivendo" antes de legislar, para que não
 se faça nada "constitucionalista mente", isto é
 - a priori.

XII.

Com caráter consultivo ou para o contro-
 das Imperiais do Brasil, diligenciará o S. C. I. P.
 para reunir, pelo menos de dois em dois anos, em
 cidade que mais convier, a Assembleia ~~de~~
 Geral dos Chefes ou dos C. I. P. e Centros Patrio-
 novistas do País, em que poderão os intelectuais patrio-
 novistas apresentar teses doutrinais, ~~o~~ administra-
 tivas, e históricas ou doutra espécie, para bem da
 P. I. P. e do Império.

XIII.

O novo grande Chefe, que o Conselho-mor

representa, é o Imperador que há-de vir, assegurando a salvação e defesa perpétua da Pátria. Cumprido, pois, que já se cultive o amor a sua Magestade Imperial que, embora no exílio, está seriamente preparando-se para a sua exaltação, e já é motivo da esperança verdadeira da redenção do Brasil.

XIV.

São padroeiros comuns dos Patrianovistas Santa Teresinha, São Miguel e os Santos Anjos, podendo, entretanto, além desses, cada Conselho ou núcleo escolher um padroeiro particular.

Aluísio Tejada de Paula.

Conselheiro-mor ou Chefe Geral do P.P.P.
Cidade de Santos, 3 de Setembro de 1932.

Basen Statutaris
in
Kais. Imperial Katharowitz

compor, desviavam-lhe a atenção, não conseguiu se integrar na sua deliciosa aventura. Teve raiva da mulher que a cortara estupidamente, querendo sentar-se a seu lado, quando havia tanto lugar vazio na frente. Teve-lhe odio, desejos mal contidos de esmagar-lhe-a.

O bonde, indiferente, aos solavancos, sacoleja seu desespero surdo, atira-o, nas curvas, contra a tímida mocinha que lê, e que humana, acha natural estas colisões entre passageiros de bonde e não o repelle, afastando-se melindrada como tantas. "Não me repelle! Quem é você? Se me olhasse de frente talvez pudesse me compreender num relance. Acabar-se-ia a tortura de procurar nos semblantes que me cercam a compreensão amiga do meu ser difícil, feito de tanta coisa banal e contradictoria. Talvez que brotasse no seu coração bem formado e virgem a admiração pelas minhas qualidades, que passam despercebidas aos olhos comuns de tão simples que são, tão humildes e modestas qualidades, que qualquer defeito maior com facilidade as esconde."

Não o olha, porém, só não foge aos esbarbões, o enredo do romance prende-a sinceramente. Quem é? Não sabe. Não se atreve. Contempla-a apenas. Vê que é pallida e se occulta no manteau vasto de casemira, tímida e morena.

Os esguinchos mechanicos regam duma poeira dagua delicada e util os grandes canteiros rasos no jardim da Glória.

Seu desespero cresce. Sae do seu coração, cae no jardim, se perde pelas cousas, se mistura com a nevéa que esconde o outeiro.

Surgiram os arranha-céus humidos da chuva nocturna. Nem parecia luz, de tão fraca, a claridade que se escóava do céu naquelle instante. Subiu os trinta degrãos humildemente. Atravez das esorivaninhas desertas o Lucas, assobiando, ia espanando o pó.

Quatro horas depois seria o almoço. Telephonaria para a leiteria, pedindo o favor de chamar uma pessoa no 15, perguntaria sem esperança: e como vaé titia? Responderiam como sempre: "Na mesma". Voltando do almoço, outras quatro horas e teria que agradecer ao céu o sustento de mais um dia. No bonde da vinda os companheiros seriam outros. O nervoso que com prava quatro jornaes, o que fallava alto, explicativo, presumpçoso procurando nos olhos dos outros admirações para a sua escolhida dialectica, o que não lia, não fumava, não via nada, ia para casa apenas...

*A Ordem, n.º 10, nov/dez 1930
vol II (nova série)*

Res 130

A ATTITUDE DE PATRIA NOVA

ARLINDO VEIGA MIRANDA [?] *de Santos*

No "Mundo Interior", dizia ha annos Farias Brito: — "De uma cousa poderá estar certo todo aquelle que se mostrar impressionado com a gravidade da situação actual dos espiritos, considerando as incertezas do problema da civilização e a crise por que tem passado o espirito humano, no exercicio de sua função própria e na luta pela realização de suas mais altas aspirações: — é que o momento é de renovação e reconstrução; é que o momento é de revigoramento moral, sendo certo que a época de demolição e desmoronamento chegou a seu termo e um ideal novo annuncia as aproximações de sua entrada no mundo".

Nesta hora que tende a ser a das reivindicações mais justas de todos os direitos da Nacionalidade, assim como de affirmação de deveres (dependendo, como se pressupõe, da actividade dos que representem esses direitos!), entre elles estando também os de Deus, vem a propósito citar as palavras do grande pensador patrio em 1914, as quaes denotam fé na conversão do pensamento humano transviado, no que já antecediam o eminente neo-escolástico Maritain que mais tarde nos vem repetir: — "O mal que sofrem os tempos modernos é, antes de tudo, mal da intelligência; começou pela intelligência, ganhou agora até as raizes della. Quê de espantoso se o mundo nos aparece como invadido pelas

trevas? Si oculus tuus fuerit nequam, totum corpus tuum tenebrosus erit.

"Assim como no momento do primeiro peccado se rompeu toda a harmonia do ser humano porque a ordem que quer a razão submettida a Deus fôra primeiramente violada, também no principio de todas as nossas desordens vemos primeiro e antes de tudo uma ruptura das ordenações supremas da intelligência" (St. Thomas, l'apôtre des temps modernes).

E, pois, é da intelligência o mal. Não lhe fugiu o Brasil; e, do seu todo entregar-se aos desvarios philosophicos que campearam no mundo desde a preparação da nossa liberdade politica e, sobretudo, da república, promanou toda a tragédia interior, toda a tragédia religiosa, moral, social e politica que nestes tempos vivemos.

PÁTRIA NOVA, pensando nisso com os verdadeiros grandes pensadores do século e com os precursôres nacionaes como Farias Brito e Jackson (para sómente citar os maiores mortos). Pátria Nova compreendeu a doença nacional, pelo que se constituiu em associação legal com o fim immediato de firmar nos associados a consciência verdadeiramente nacional da Raça e Pátria Brasileiras, á luz de uma theoria politica com a tradição nacional e as sciências sociaes.

Vê-se dahi que a nossa attitude era diametralmente opposta á mentalidade geral dominante, e se dirigia, antes de mais nada á intelligência, para que, desta, corrigida dos seu erros e arejada dos mythos liberaes, derivasse, consequencialmente, a ordem nova para a Pátria. Era, portanto, um modo de querer firme e solidamente, mas devagar.

Fez, porém, a situação nacional, toda anarchizada por causa dos ditos erros da intelligência reflectidos necessariamente no dominio pratico, fez ella com que tomássemos attitude perante a Revolução partida pró-

ximamente (cifre-se a palavra) da ordem governamental reinante. E tal era a indignação entre nós em São Paulo, que a nossa attitude "hic et nunc", de nós contrarevolucionários, foi francamente a favor dos sublevados, ao contrário do que succedeu com muitos dos nossos mais dignos confrades do resto do Brasil.

Agora, todavia, passada a hora mais ansiosa, de sangue, comquanto ainda não desprovida de perigos, ou, quiçá, mais perigosa do que a anterior, temos de definir abertamente a attitude presente. Fazemo-lo desassombradamente, como o fizemos antes de triumphar a vigente situação ditatorial que destruiu a república...

Antes que sociedade alguma politica pensasse uma doutrina, não demolidora apenas mas eminentemente construtiva em moldes profundos e radicaes, os patrio-novistas — prevendo tudo quanto tinha que forçosamente acontecer, dados os erros que já vinham do liberalismo imperial e se aggravaram pela infanda apostasia esposada pela república para poder durar no Brasil, — cogitaram de criar, com os elementos da tradição, único alicerce firme e verdadeiro de Nação que deseje subsistir, uma doutrina totalizadora, de organização e ordem. Dessa meditação decorreu a necessidade de se realizarem aquelles nossos sete artigos que abrangem todos os problemas nacionaes, desde a Religião Official até á relação necessária ibero-americana, em moldes christãos.

Está a Revolução empenhada em seu labor construtivo. Pátria-Nova, embora tenha firmes e inflexiveis os principios que lhe nortearam e nortearão sempre a vida, não teve tempo (um anno só) para desenvolver integralmente o seu programma de organização totalizadora nacional; mas tem o immenso orgulho (se é que de verdade se deve orgulhar) de ver que as suas soluções, já publicadas ou não, estão sendo adoptadas em grande parte, e, doutras vezes, tem havido por parte dos novos governantes boa-vontade de acertar com a solução le-

Dev/30

gítima das questões. Folgamos porque é a verdade, é a justiça que triumphá das mentiras, dos erros, das allucinações tão espalhadas pelo mundo. Nem tudo, por emquanto, está aclarado, é verdade; tratam-se, não-obs-tante, com bom-querer, os vários assuntos de cuja so-lução depende o futuro bom ou mau do Brasil.

Enviou Pátria-Nova ao Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas, chefe do Govérno Provisório, um memorial que sai no proximo número d'A Ordem, pedindo que se dê at-tenção, nas actuaes reformas, a um mínimo das que Pátria-Nova adopta como capazes de instaurar no Bra-sil a verdadeira ordem christã.

Não descansaremos, no entanto, seja qual fôr o des-tino que tenha a nossa representação. E' mistér traba-lharmos, agora mais do que nunca, para que, na nova Constituinte que oportunamente se há-de reunir, não prevaleçam, por covardia de Brasileiros, não prevaleçam repetimos, sôbre os direitos de Deus e da Pátria-Imperial as imposições judeo-maçónico-democraticas (da demo-cracia athéa) que dominaram em nossa Pátria até aos 24 de Outubro de 1930.

"A minha fé ardente "na vocação histórica" da nossa terra (como chama Toniolo, o doutissimo soció-ologo italiano, a missão que, por conjunto de circumstân-cias geográphicas, éthnicas e moraes, confiou Deus a cada nacionalidade), a minha consciéncia ardente na vocação histórica do Brasil. — diz o nosso Eminentissi-mo Cardial — faz prever que a Providéncia divina está comnosco. E a Patria subirá na escalada da or-dem, do progresso e da civilização. Na curva ensom-brada do caminho, eu saúdo já o planalto azul de um Brasil melhor" (Entrevista concedida a jornaes).

Mas scientes de que a Providéncia age pelas causas segundas, labutaremos, lutando embora contra o pêso morto da inércia, commodismo e incompreensão da in-contável phalange dos que se dizem soldados da Igreja

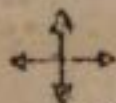
e da Pátria, sendo-o apenas do individualismo, avareza e frouxidão, labutaremos indefesos afim de que se realize de facto aquillo que diz o immortal fundador do Centro Dom Vital:

— "O Brasil há de ser, já é terreno próprio ao flo-rescimento, em seiva nova, de alguns princípios divinos do Christianismo, na prática social, guardados, isentos de todo erro, pela santa Igreja Católica Romana".

Arlindo VEIGA DOS SANTOS,

em nome do Conselho dos Fundadores de Pátria-Nova
(centro monarchista de cultura social e política).

S. PAULO, Novembro de 1930.



F A L T A D E C A R Á C T E R... virtude republicanal

No fundo dos nossos males, confessam muitos, reconhece-se a falta de carácter. Isso, porém, não é congênito à nossa Raça. Não foi sempre assim, calamitosamente assim. Como se forja um carácter? Pela Religião vivida, antes de tudo; depois pela educação do lar, da escola, do ambiente social em que se vive.

Ora, o Estado republicano e réu fomentou, desde 89, a apostasia da Nação. Denunciou a Pastoral Colectiva de Episcopado brasileiro. A própria desconstituição de 91 foi apóstata, a despeito das tardias e hipócritas justificações rutilarboseanas. Em qualquer estado cristão decente, o chefe faz e determina preces públicas (como Roosevelt, Churchill e outros), pedindo a protecção divina para os seus governados.

O estadinho republicano brasileiro, divorciado sempre da Nação e contra ela, revelou-se de ordinário tácita ou abertamente maçom, positivista, agnóstico, ateu, átoa e cheio de respeito-humano quanto à Fé e perante a Majestade Divina. Mostraram-se pródigos em maus exemplos ao povo os estadistas (?) e homens de governo, "oficialmente" quase sempre indiferentes à Religião nacional.

Regimen de origens e compromissos esdrúsculos, suspeitosos, de cabotismo demagógico, de peculato contínuo, de irrefreável desvergonha, somente isso podia a república dar-nos. É ela, a imposição totalitária de 89, um sistema eminentemente DESEUCADOR, DESCARACTERIZADOR, DESFIBRADOR do povo, teórica e praticamente. E...quanto menor carácter -- melhor político...republicano. MAL DO REGIMEN que a isso leva os homens inclusive os bem intencionados, que os há! "A república é essencialmente má", diz Anatole France em lúcido momento.

A escola republicana, máxime no grau superior, há sido miúdo forja de ímpios, por meio das sociedades de origem diabólica e através de pífios preconceitos cientificistas, floração dos "princípios" do cutre 89.

Tudo isso reflectiu necessariamente no lar e na vida social, na "cultura" do meio.

Nesta maldita república (não é retórica, mas verdade: maldita!), nunca se castigou devidamente o crime (multiforme) e nunca se premiou devidamente o mérito. Pelo contrário, os bons têm ordinariamente levado muita desvantagem a favor dos vilhacos... nestes quase 60 anos de regime "adiantado", que certos jornais grafam sempre e cômicamente com R maiúscule, deixando Nação (que é coisa séria) com n pequeno...

X X X X X

Agora temos "democracia", chavão idiota usado até por comunistas e nazistas e que significa entre nós, em trêco miúdo, a ruptura de tôdas as comportas das bandalheiras. Basta atentar para os rádios, jornais, revistas, teatros e assembléias de representantes (de quê mesmo?!); basta atentar para a proliferação de repelentes crimes, não punidos devidamente ou de maneira alguma. Aqui não há pena de morte... mas todos os dias os particulares matam gente... extra-oficialmente!

Com tôdas essas tristes realidades, vamos esperar que a RELIGIÃO, desprezada intimamente pelos encarregados do bem comum; que a FAMÍLIA, pobre vítima em desmantêlo por tantos factores adversos, entre os quais o próprio desgoverno republicano, mormente no plano moral e económico; que a Rosse pobre ESCOLA, desajudada da família, do estado e do meio -- refaçam o carácter brasileiro?

Demoraria 500 anos, meus amigos. Viria antes a dissolução. Importa acabar com isso já, quanto mais depressa, antes que contamine o pouco que sobra da nossa dignidade cristã e brasileira. Para grandes males, grandíssimos remédios.

E o primeiro acto tem de ser drástico: CABAR COM A república, a servil, nojenta deseducadora e descaracterizadora e desfibradora do Brasileiro, a pestilenta incubadeira dos ignorantes, dos cabotinos e dos salafrários... em tôdas as classes sociais da Nação.

P.S. -- Não podendo responder individualmente a todos quantos nos dirigiram cumprimentos pelas Festas, por este veículo lhes agradecemos, fazendo votos de saúde, paz e prosperidade em 1945, apesar dos obstáculos a isso levantados pela república.

A. Vinhas de Santos

+

1948

Monarquia em Espanha

Perdeu o Brasil a sua revolução de 30, saudada por quase todos como a-
rora da restauração nacional, que se cataria com a volta à MONARQUIA dos nos-
sos Trisavós, mais de que dos nossos Avós, para ser genuína, actual. Perdeu-
-la, por quererem que ela fosse "republicana", portanto fracasso immedial.
República como tal não constrói nem organiza coisa alguma. Vão-se proclamando
1.ª república, 2.ª idem, 3.ª idem, 4.ª idem, etc., e sai cada-uma por de que
outra e todos brigam e não se entendem. Tudo em volta de estômagos. Assim, vai
a república "de Brasil", não brasileira, fugindo ao nacionalismo, ao unitaris-
mo, e melhor da desastrosa revolução, por confundir com a pessoa do dr. Getúlio
Vargas providências cuja inspiração foi imediatamente nacional, sugeridas por so-
ciólogos objectivos e a-partidantistas, embora se possa às vezes acimá-las de
oportunistas sem por isso deixarem de ser boas, legítimas, nacionalistas.

Como tais, possibilita-se-nos capitular as próprias leis sociais, traba-
lhistas, de conteúdo são e inimpugnável, cujas raízes porém embebem nas nossas
nacionalíssimas tradições luso-brasileiras, MONARQUICAS (a Colónia já era Mo-
narquia), ante e anti-liberais, anti-capitalistas, anti-burguesas, católicas,
BRASILITAS.

X X X X

Não quer a Espanha perder a sua revolução nacional. Bem haja!

Nela foram parte máxima os requetés, anti-liberais carlistas da tradi-
ção, os Tradicionalistas (patrianovistas da Espanha) e os Falangistas (uns fa-
voráveis à monarquia e outros indiferentes), além dos confusos e retardados mo-
narquistas constitucionais do liberalismo suicida e tódas as gamas dos que só
por sentimentalismo ou preguiça mental aceitavam ou toleravam a monarquia. Frou-
xos, estes lutaram por necessidade.

Depois dos sacrifícios dolorosos e sangrentos da revolução nacional re-
dentora, não seria digno do Caudilho pactuar com os indistintos e tolos que ma-
da aprendem, entregando a pátria a um regimen incapaz de defender-se e defender
a pátria, e consequentemente às garras da quinta-coluna estrangeira ou nativa e
à sanha dos inimigos internacionais de tódas as cores republicanas, desde os
palhaços democrateiros e vorazes até aos criminosos sádicos do anarquismo e do
bolchevismo instalado no País pela república.

Para não sacrificar a Nação, buscou Franco, como bom Espanhol que é oito
ou oitenta, apelar "escandalosamente" para a MONARQUIA TRADICIONAL de antes do
bonapartismo invasor e sua doutrina dos pedreiros-livres e da revolução france-
sa.

Sobra-lhe a coragem que ainda vai faltando a Salazar, ministro que em-
balde tenta adaptar à infante república institutos macaqueados à velha Monarquia
tradicional, pré-liberal, orgânica.

Não discutimos as reservas que a incultura, a boa-fé iludida ou as injun-
ções alheias ao supremo INTERESSE NACIONAL poderão fazer ao acto do Caudilho,
que se não quer acomodar aos figurinos desastrosos que certos mandões interna-
cionais insistem em impor às terras dos outros, contra as tradições e costumes
delas. Não sobejou todavia à Espanha nova o tempo necessário à renovação dou-
trinária contra os tabus de uma ciência política de fancaria, renovação essa em
função dos dados do seu soberbo passado de MONARQUIA GENUINA (como a nossa Pa-
trianovista), liberta de nódoas republicanas e anti-nacionais.

X X X X

Saberá a irrequietude peninsular compreender a audácia do seu Chefe? Sa-
berá ser digna de tamanho destemor contra os Estados confusionistas? Saberá re-
estabelecer-se para restabelecer a sua autêntica Realza?

Saberá arcar com a grande responsabilidade de vanguardeira de restaura-
ção e actualizadora da VERDADEIRA MONARQUIA?

Fazemos votos ardentíssimos e deessarte servirá aos nossos povos a tra-
dição semelhante o generoso exemplo da Pátria de Pelágio.

Ação Imperial Patrianovista Brasileira

P Á T R I A - N O V A.

1092, Parque Dom Pedro II, 12º andar, apto. 125.



AÇÃO IMPERIAL
 PATRIANOVISTA
 BRASILEIRA
 SUPREMO
 CONSELHO
 CAIXA 4407 - S. PAULO

Careo Chefe Lomit.

Glória à SS. Trindade!

Já lhe comuniquei que reassumi a Chefia Geral com o título de CHEFE-FUNDADOR, mas não tenho recebido notícias suas. É necessária toda disciplina e fidelidade, para não enfraquecer o movimento, dando força aos oportunistas.

Tudo quanto fuja disso é fazer obra de Satanás, inimigo da nossa vitória, porque nos somos, na política, os únicos CRISTÃOS verdadeiros, no Brasil.

Ora! eu estou vendo que V. fez uma embrulhada, de a.m. h. e Pátria-Nova, atrapalhando a obra de Deus, que é o Patrianovismo. Ainda agora leio na folhinha moleque de Auler que V. lhe pede propaganda, e que somente podera resultar em CONFUSÃO. Não se pode estar ao mesmo tempo com Deus e com o diabo.

Mandei-lhe materiais, que V. nunca acusou. Por exemplo, envie 1.500 exs. da poesia ao Wunderlich. Recebeu?

Estou como chefe único de Patrianovismo cá em S. Paulo. Trabalha comigo o dr. Marcondes Rezende. Nomeei como Chefe da Propaganda e Imprensa o sr. Oracy Gomes Ferraz da Silva. A sede e a propaganda está na rua Barão de Iguape 52.

Estamos para começar a realização das "Bandeiras Paglistas de Camaradagem Patrianovista", cuja primeira excursão será no próximo dia 24.

Nomeei vários ARAUTOS PATRIANOVISTAS, que são umas espécies de cabos destinados a patrianovizar os varios meios sociais, como estudantes, lavradores, trabalhadores de fabricas, e outros profissionais, o que vale como uma grande CAMPANHA CONTRA O COMUNISMO.

Faça a mesma coisa aí. Os arautos devem trazer semanal ou quinzenalmente a sede o resultado escrito da sua propaganda.

Acaba com a confusão! Seja SOMENTE PATRIANOVISTA que é coisa séria.

Se os outros amolarem, despiete.

O Pagane não está mais na Ação Monarquista. Fica sozinho.

Tentei a pacificação, mas não foi possível, porque todos querem diminuir Pátria-Nova e o seu trabalho de já 8 anos e eu não admito essas infâmias. Querem passar uma esponja no passado... Como se pode fazer isso?

Então os nesses trabalhos e sacrifícios NÃO VALEM NADA???

Continuemos, pois! E assim, apresentando os nossos serviços, poderemos falar alto perante todo o mundo e diante do próprio Imperador!

Por Deus, pelo Brasil e pelo Imperador!

aos 20/5/36.

*crise da
propaganda
dentro
org. interna*

governo de luita

Acção Imperial Patrianovista Brasileira

PÁTRIA - NOVA

Mensagem Aos Meus Amigos

D. Pedro Henrique de Bragança,

Herdeiro do Trono do Brasil.

A Hora actual

A hora não é de palavras, mas de acção. Os interesses superiores da Nação exigem-no. Temos todos que nos unir no mesmo combate em prói de um objectivo comum, que é a Causa do Brasil. O perigo ronda nossas portas. É imperioso galvanizar as energias dos homens de boa vontade para conjurá-lo. O momento não comporta lutas partidárias. **TEMOS, ANTES DE TUDO, QUE SER BRASILEIROS!**

Nossa Fé e nossa Soberania estão em Jôgo. O lema que deve inspirar-nos, é o dos nossos antepassados na hora da luta contra os infiéis: "Ao serviço de Deus, ao serviço da Pátria".

"Gesta non verba". Esclarei, portanto, estudar e apontar, com a possível coecisão, as causas dos males que molestam o século em geral, tratando, a seguir, do caso particular do Brasil. E tentarei delinear rumos que me parecem susceptíveis de imprimir novo impulso ao progresso material e moral do País e da Nação.

A causa eficiente é a própria razão humana divinizada pelos revolucionários de 1789 e emancipada, em nome da "liberdade", do freio salutar da moral cristã. O efeito é a anarquia mental, que desnortela e confunde o mundo contemporâneo.

A causa dos nossos males

Joseph de Maistre dizia: "Plus la raison humaine se confie en elle-même, plus elle cherche à tirer tous ses moyens d'elle-même; et plus elle est absurde, plus elle est impuissante". Os acontecimentos vieram confirmar as previsões do grande pensador, pois a razão humana, reduzida às suas verdadeiras proporções, demonstrou ser nula e destrutiva, acarretando dissensões e criando problemas, quando o homem não precisa de problemas para orientar-se na vida, mas de crenças religiosas e esclarecimento político.

O mundo moderno padece as conseqüências dos absurdos denunciados por de Maistre, absurdos que se acumularam nos últimos séculos e que podem ser resumidos na tibieza religiosa de um mundo que se diz cristão, mas que, transtornado por um falso racionalismo, supõe ser capaz de harmonizar os complexos movimentos da convivência hu-

mana sem o socorro do espirital. A preocupação absorvente pela existência material aniquilou o idealismo de estanho, hipertrofiando o interesse particular em detrimento do colectivo.

Tais são os efeitos do materialismo gerado pela revolução e nutrido pela concepção liberal do universo; as consequências desastrosas, mas humanamente lógicas, de regimes que encerram em seu princípio e estrutura o erro fundamental de atribuir ao povo, soberano efémero e impotente, a responsabilidade dos actos de seus representantes.

Como não podia deixar de suceder, a preamar das idéias "novas" espralou-se até o Brasil, produzido em nosso meio as mesmas comoções que suscitou alhures.

São múltiplas, a meu ver, as causas das dificuldades endêmicas, que assoberbam a Nação. Saltam à vista as seguintes:

As causas
dos males
do Brasil

1.º — *A indiferença do capital, liberto de obrigações sociais específicas, pelos assuntos de interesse geral.* Ao tempo do Império, a política era exercida e dirigida, nos dois grandes partidos de então, por homens que ingressavam na vida pública animados pela nobre e generosa intenção de servir à Pátria e que ofereciam, por sua independência financeira, tirocinio e qualidades de carácter, uma razoável garantia de eficácia na condução da "res publica".

A proliferação de partidos com débil consistência doutrinária, observada em nosso país, pode ser atribuída sem grande de erro à prevalência, no quadro da política actual, do interesse particular sobre o colectivo, facto que transforma a vida pública brasileira em uma luta perpétua pelas vantagens pessoais que a detenção do poder proporciona.

2.º — *O nacionalismo jacobino e hermético de alguns, cuja oêga suceptibilidade representa um freio ao nosso desenvolvimento, que é tão inadmissível quanto a lamentável falta de confiança de outros na capacidade de realização e de autonomia da nacionalidade.*

3.º — *A deficiência de educação do povo, — o qual, pela falta de meios de instrução prática e objectiva, vive sem possibilidades de melhorar apreciavelmente seu nível de vida com a arma do trabalho prolífico.*

4.º — *A nossa exigua densidade populacional dentro da imensidade do território pátrio ocasiona a formação de verdadeiros bolsões demográficos e económicos, que, baldos de meios de transporte, de assistência financeira e de coordenação política, são uma das causas profundas do permanente desequilíbrio económico e social em que nos debatemos.*

5.º — *A complexidade da máquina administrativa do Estado que, além de absorver uma proporção exorbitante das rendas públicas,*

pesa sobre o contribuinte e deixa bem pouco para investimentos em obras e equipamentos reprodutivos.

60 — *A ausência de uma directriz governamental prosseguida com continuidade através de períodos sucessivos impossibilita de atender às necessidades básicas da agricultura e da indústria, que são as alavancas mestras do progresso material de uma nação.*

Essas causas profundas exigem reformas profundas. É necessário, antes de mais nada, restaurar os alicerces naturais da ordem social e política, a organização familiar-municipalista do Estado, sem o que tentaremos em vão suscitar elites independentes e imbuídas de espírito público, susceptíveis de se dedicarem ao estudo e solução dos assuntos colectivos sem demasiado apêgo aos interesses de classe e sem se prestarem aos jogos da fácil popularidade eleitoral.

Reformas
Necessárias

É no recesso do lar — célula vital da nacionalidade — que se temperam os caracteres. A educação, entendida como orientação espiritual, norma de vida e hábito de probidade, merece, por conseguinte, um lugar especial na preparação do porvir, completada por uma instrução sólida e prática. Os ensinos primário e profissional não devem ser apenas gratuitos, mas acessíveis à totalidade da infância brasileira em idade escolar. É urgente a formação de artífices e operários imbuídos da noção de nobreza do trabalho, afim de persuadir o operariado de que a perfeição da mão de obra e a responsabilidade profissional são o mais sólido alicerce do seu próprio bem-estar.

EDUCAÇÃO

Nunca se deve esquecer que a agricultura é a principal fonte de riqueza e de prosperidade dos povos. Abrangendo a exploração do solo e do sub-solo, a agricultura é a base indispensável a qualquer surto industrial. O êxodo rural em nosso país, denuncia um desequilíbrio económico e social que é preciso corrigir quanto antes, pelo encaminhamento de recursos do centro para a periferia, a fim de restaurar a prosperidade da lavoura, da pecuária e da mineração, insistindo-se, nesta última, no aproveitamento dos combustíveis e dos minérios básicos da civilização moderna. Precisamos reflorestar, sem tardança, grandes tractos de território, adoptar a adubação em larga escala e iniciar um plano de mecanização progressiva da agricultura.

Agricultura

As exigências cada vez mais imperativas do crescimento nacional impõem não só a elevação do padrão de produtividade do elemento nativo, por meio de uma assistência adequada, como também a abertura das fronteiras a uma imigração seleccionada, amparada e localizada, capaz de manter a curva ascensional do nosso desenvolvimento demográfico e de promover o aproveitamento das nossas glebas.

O estudo da ciência nutricionista poderá, quiçá, contribuir para atenuar o rigor do clima, que até certo ponto determina o baixo pa-

drão da nossa produtividade. A profilaxia e a higiene completarão as providências de valorização do elemento nativo.

Fôrças
Armadas

O Exército, a Marinha e a Aeronáutica devem ser cada vês mais fortalecidos e melhor aparelhados para desempenhar o papel de guardiães da integridade nacional, da soberania da Pátria, da Independência do Brasil.

É imperioso sistematizar e ampliar as vias nacionais de transportes e comunicações, visando fornecer escoamento fácil e barato à produção, estimulando e ativando a circulação da riqueza em todo o país, e aumentando o volume do nosso intercâmbio com o exterior.

Reforma do
Estado

O interesse do país no tocante à orientação superior do Estado, aconselha a centralização política, necessária à manutenção da unidade nacional. Mas, no que se refere à administração, os rumos a seguir devem inspirar-se na conveniência da descentralização, outorgando-se maior liberdade aos Estados e Municípios. Parece a única solução lógica em um país extenso como o nosso, para que os justos interesses regionais não sejam prejudicados por uma administração centrípeta.

Assim se aliviaria e simplificaria a administração central, permitindo equipar a máquina do Estado com o mínimo de funcionários exigido por um rendimento eficaz, e possibilitando a atribuição aos servidores públicos de uma remuneração condigna, que os situe a cavaleiro das necessidades futuras.

Um Estado sólidamente constituído e consciente de sua própria força de realização, não terá motivos para temer a colaboração do capital estrangeiro, auxílio salutar ao desenvolvimento dos países jovens, oferecendo-lhe garantias reais e sólidas de investimento.

Apêlo aos
Brasileiros

Não desejo concluir esta mensagem dirigida a meus fléis amigos, sem lançar um apêlo à coragem cívica e ao patriotismo de cada um deles. Seria iníquo pensar, como os inimigos da Pátria, em tirar proveito do pior para realizar o nosso ideal, visto que esse ideal é a grandeza e a prosperidade do Brasil e o bem-estar dos Brasileiros. Tal foi o pensamento de meu saudoso Pai, o Príncipe D. Luiz.

Somos um grande país e um nobre povo. E se hoje verificamos com pesar que ainda não constituímos uma Nação opulenta, isto não deve ser motivo para desânimo, uma vez que possuímos na potencialidade da nossa terra e na coragem da nossa gente, reservas que nos prometem uma actuação decisiva no futuro da Humanidade.

Que Deus nos guie e inspire para o bem do Brasil e para felicidade dos Brasileiros.

Séde provisória da **AIPB** : Rua Silveira Martins, 153 - 3º and.
Imperial Cidade de São Paulo



Ação Imperial Patrianovista Brasileira

“Pátria-Nova”

(Centro Monarquista de Cultura Social e Política)

Caixa postal, 3540 :-: Cidade de São Paulo

1934



A SUA ALTEZA IMPERIAL SR DOM PEDRO HENRIQUES
DE ORLEANS-BRAGANÇA

Glória à Santíssima Trindade!

Em 1928, anunciávamos a V. A. I. o ânimo em que estávamos de organizar, nesta Imperial Cidade de São-Paulo, para irradiar-se por todo o Brasil, um Centro de Cultura Imperial que criasse em novas bases, vamos dizer nas bases eternas da Religião, da sabedoria histórica e da ciência político-sociológica aprendida na Tradição Nacional, uma doutrina que fundasse e protegesse o novo Império bem cristão, bem brasileiro e bem atual, pois as instituições passadas não se "restauram", como bem mostram os fatos contemporâneos e os grandes pensadores políticos como Sardinha, Berdiáeff e outros.

Nesse tempo (1928), a Idéia Imperial era, no Brasil, sonho morto de velhos desiludidos e inativos que apenas se diziam "amigos da Família Imperial", aspiração tímida, indecisa e oculta de alguns moços descoordenados e sem esperança, conclusão científico-política de alguns intelectuais, intelágentes mas incapazes de, em altivo e generoso arranco, gritara a sua fé e arrastar os velhos desenganados e a Mocidade necessitada de juntar, à sua satisfação religiosa e moral acalmada pelo renascimento católico brasileiro, a satisfação da VERDADE POLÍTICA também -- tendência natural da juventude sequiosa de agir nesse terreno, mas enojada da baixa e indigna política republicana.

SUPREMO CONSELHO IMPERIAL PATRIANOVISTA



Ação Imperial Patrianovista Brasileira

''Pátria-Nova''

(Centro Monarquista de Cultura Social e Política)

Caixa postal, 3540

:-:

Cidade de São Paulo



Vencendo as nossas dificuldades pessoais, as resistências da má-vontade de muitos e da inércia e platonismo burgueses da maioria, a Verdade Católica e Imperial Brasileira, atualizada em sistema político e contida no PATRIANOVISMO que fizemos, a tudo foi sobranceira, e hoje, embora longe estejamos de abarcar extensivamente todo o Império, contudo intensiva e culturalmente somos a Grande Palavra que fala incontrastavelmente a todas as inteligências, invencível na lógica das suas razões, respeitada como o único Pensamento Integral que se não rende às paixões dos indistintos, às conveniências imediatistas, às seduções dos efêmeros interesses de vária espécie. Trabalhando pela Religião, pela Raça e pela Pátria Imperial -- e, portanto, pelo Imperador que há-de vir! -- temos a Verdade que, assediada pelas manobras liberais, não se diminua e não se acovarda.

Hoje, ser monarquista no Brasil é ser Patrianovista ou não ser coisa nenhuma.

Em plena atividade, se bem que limitada pela deficiência dolorosa de bens materiais; obra de intelectuais já cheios de responsabilidade no campo da doutrinação política do Brasil, -- a Ação Imperial Patrianovista Brasileira avança e não recua jamais dos passos dados à frente e quer ser, em relação a V. A. I., qual Joana d'Arc ao lado de Carlos VII e qual o condestável Nun'Álvaraz Pereira ao lado do Mestre de Avis, Loms João I.

Certos estamos, pelas raras e preciosas cartas que temos de



Ação Imperial Patrianovista Brasileira

“Pátria-Nova” *aw front*

(Centro Monarquista de Cultura Social e Política)

Caixa postal, 3540

Cidade de São Paulo



V. A. I., cartas que averbam expressões taxativas a respeito da Imperial Fidelidade de V.A. aos Patrianovistas, únicos e verdadeiros representantes da Nação e Pátria Imperial Brasileira, -- certos estamos de que será V. A. I. o Imperador que esperamos, O IMPERADOR LIVRE DOS SÚBDITOS LIVRES QUE SOMOS, na expressão ortodoxa dos nossos Antepassados.

Alteza Imperial,

São frequentes e ansiosas as solicitações que recebemos de informações acêrca de V. A. I., acêrca do seu estado de espírito a respeito da Instauração do III Império que os Patrianovistas querem e vão fazer sob as ordens de V. A. I.. Não cessam as interrogações a respeito das relações mantidas pela Chefia Geral e Supremo C. I. P. com V.A.I.. Não cessam as reclamações contra o que dizem "gentilezas não correspondidas", com referência ao pouco que parece estar V. A. I. em contacto com a única falange legitimamente monárquica do Brasil (aliás não há outra!), o que procuramos negar, afirmando que V. A. I. já nos dirigiu o "preito de fidelidade", necessário à garantia dinástica do próximo Império.

Com sacrifício, tudo temos feito para que, sem a declaração clara e distinta, precisa e insofismável de V. A. I., o Movimento avance mais e mais. Há uma coisa, porém, que só V. A. I. pode fazer. É necessária uma projeção mais evidente e intensa da Pessoa Indiscutível, do Centro Comum das aspirações e esperanças nacionais; O FUTURO IMPERADOR que o Povo Brasileiro quasi ignora!!!

Mais: Está o momento grave da Pátria exigindo afirmações e com-
SUPREMO CONSELHO IMPERIAL PATRIANOVISTA



Ação Imperial Patrianovista Brasileira

'' Pátria-Nova ''

(Centro Monarquista de Cultura Social e Política)

Caixa postal, 3540

:-:

Cidade de São Paulo



promissos positivos e abertos, dedicação profunda, quebrando, de certo modo, a "prudência" lenta dos séculos vagarosos que se foram.

A dúvida sobre a "atitude do futuro Imperador" está, patentemente, atrasando a arrancada patrianovista. Está peando-a. Está prejudicando-a. Querem os anciões, quer a Mocidade especialmente que O REI APAREÇA MAIS, que o Rei "se interesse" mais! Mas, neste ponto, nós, os Chefes Patrianovistas, nos confessamos impotentes...

Parace-nos, ^{cutetant} em vista destes fatos, que é mais do que hora de V. A. I., assumindo aquela atitude grave, tão simpática e política de seu augusto PAI, que Deus haja, tomar a si a Chefia Suprema Hierárquica do Movimento para a Instauração, o qual Pátria-Nova coordena no Brasil, por meio dos seus órgãos, supostos, pelos Estatutos, sob a real Ordem de V. A. I..

Boas notícias e confortadoras informações sobre o ânimo de V. A. I. para com os Patrianovistas, trouxe-no-las acidentalmente e aportado sua o revmo. sr. Pe. Chevlon.

Almejamos, agora mais do quei nunca, que esse ânimo, neste gravíssimo instante de precipitações sociais e políticas, se concretize em provas efetivas, à altura da situação.

Realmente, posto à disposição do Brasil pela Providência Divina, por meio de recônditos fatores históricos através dos quais ela age, afim de que, em momento preciso, seja o máximo agente humano da salvação da Pátria, não pode V. A. I., em face de Deus, furtar-se, sem gravíssimo pecado, a essa gloriosa e, por vezes, dolorosa missão e condição dos Primos-Netos e Herdeiros Dinásticos.



Ação Imperial Patrianovista Brasileira

“Pátria-Nova”

(Centro Monarquista de Cultura Social e Política)

Caixa postal, 3540

:-:

Cidade de São Paulo



e condição dos Primogênitos e Herdeiros Dinásticos.

Perdoará V. A. I. aos seus súditos, aos destemidos combatentes pró III Império, os quais tudo têm pôsto a serviço da Causa -- vontade, inteligência, tempo e dinheiro, perdoará V. A. I. estas palavras apaixonadas que lhe vão chegar às mãos pelo gentil cuidado de um dos nossos traves companheiros, o sr. dr. Telêmaco van Langendonck, a quem, sabemos, a Imperial Família receberá aconchegadamente.

Às ordens de V. A. I. os soldados da INSTAURAÇÃO!

Deus guarde a V. A. I. e a todos da Imperial Casa.

Por si e pelo S. C. I. P.

Creio mesmo que, se o saudoso Príncipe Dom Luís fosse vivo e, impossibilitado de assumir o Trono nesta fase histórica da Nação Brasileira,

Arlindo VILGA DOS SANTOS
chefe geral da A. I. P. B.

Na Imperial Cidade de S. Paulo de Piratininga
nos 14 de Maio de 1934.

se dirigisse a V.A.I., diria, repetindo o nosso Rei Dom João VI:

"Meu Filho, põe a Coroa sobre a tua cabeça, antes que alguma aventura lance mão dela".

AÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA

Avenida Ipiranga, 1.123, 6.º And. - Sala 603 - Fone 32-6620

Imperial Cidade de São Paulo de Piratininga

BOLETIM N.º 29

Por ser de palpitante atualidade e por se enquadrar na linha doutrinária da «Orgânica Patrianovista», tendo em vista a controvérsia suscitada sobre o peso quantitativo (e, não valor qualitativo do voto), tal como simplistamente nos impõe a república igualitária, reproduzimos um artigo publicado no «Jornal de Debates» de 8-2-1932, de autoria do sr. Jeronymo Ricardo de Mattos, da Academia Patrianovista

de Economia e História Luso-Brasileira. Confrontemos e meditemos sempre sobre o que vimos pregando e os permanentes conflitos sociais causados pela teimosia republicana em não aceitar a Verdade inspirada na natureza humana, a qual é, por si só, uma sentença de morte ao nefasto regime demagógico (se é que a isto se possa chamar «regime»!).

REFORMA QUE SE IMPÕE

«Os votos deveriam ser pesados e não contados».

— Lopes Trovão.

Não há dúvida que há muito de obsoleto ou de errado no processo eleitoral brasileiro. É tão grande é a influência que isto pode ter na própria aceitação do sistema democrático por parte das classes populares, que eu quero crer se encon-

tre aí, do ponto de vista da urgência com que necessita ser solucionada, o problema número 1 do Brasil. No intuito de esclarecer os responsáveis por este setor banhar das nossas instituições, apresento-lhes, a seguir, algumas sugestões que poderão ensaiar um roteiro para a reforma radical que se impõe.

O TÍTULO DE ELEITOR

O Título de Eleitor deveria ser algo mais sério do que está sendo. Primeiramente ele deveria ser uma espécie de caderneta civil e cívica, com anotações lançadas de todas as ocorrências eleitorais, uma espécie de certificado de reservista militar. Deveria trazer fotografia do seu titular, ficha dactiloscópica, identificação, declaração de grau de cultura, residência, etc.. Deveria ser, enfim, uma autêntica

carteira de identidade. Nada de parecido com os atuais, que foram fruto de improvisações apressadas às portas das eleições. Em seguida, o título de eleitor só poderia ser conferido a brasileiros natos ou naturalizados por decreto e só concedido aos cidadãos maiores de 21 anos e em pleno gozo de seus direitos de cidadania.

O ESCRUTÍNIO

Seria mantido, com todo rigor, o voto secreto. As cédulas, só teriam valor quando impressas em formato padronizada, evitando-se abusos de desperdícios e contrações de suas características essenciais. Seria rigorosa a fiscalização de sua existência nas cabines, a que seria feito por mesários e fiscais, e importando em crime a sua sone-

gação ou adulteração. A sua impressão seria requisitada à Imprensa Nacional, dias ou meses antes das eleições, mediante apresentação de relação autêntica de candidatos registrados e o pagamento da despesa de impressão em quantidade apenas suficiente para o número de eleitores do colégio eleitoral.

QUALIDADE DO ELEITOR

Os eleitores seriam qualificados segundo o seu grau de cultura ou outras características intrínsecas, estabelecendo-se, por assim dizer, uma hierarquia eleitoral entre os mesmos. Por exemplo, os que tivessem curso superior, valessem 3 pontos; secundário, 2 pontos; instrução primária, 1 ponto; e, analfabetos, 1/2 ponto. Não se cogitaria, é evidente, do

número físico de eleitores e, sim, de sua qualidade, de seu peso intelectual e moral; note-se que, para isso, seriam necessários eleitores que teriam empenho na graduação de um título. O grau de seu voto seria conferido pelo sistema de sobrecartas que lhe fossem entregues pelo mesário antes de entrar na cabine indevassável.

APURAÇÃO DAS URNAS

Todas as cédulas e sobrecartas seriam, após a sua verificação e contagem, novamente recolhidas às urnas respectivas, a fim de que, sempre que fosse requerida recontagem, elas pudessem testemunhar a sua legitimidade, ou então, dispensando-se os recursos interpostos na hora da

contagem, fosse a sua apuração feita perante o Juiz e que, e, posteriormente, obrigatoriamente, recontadas no TRI, que viria confirmar a sua legitimidade ou irregularidade para, só então, diplomar os eleitos.

TRIBUNAL ELEITORAL CRIMINAL

Devia também ser criada uma câmara anexa ao S.T.E., o Tribunal Eleitoral Criminal, para julgar os crimes de alçada e os crimes ordinários ou comuns praticados contra o Direito Eleitoral, incluindo-se os de peita ou suborno, os de pressão partidária, os de abstenção, os de revelia ou desídia, os de ameaça ou coacção, os de abuso de poder,

os de prevaricação, etc.. Este Tribunal seria de justiça rápida, independente e rigorosa na aplicação de seu Código Penal Eleitoral. Por meio deste Tribunal poder-se-ia, até, quem sabe, afastar a maléfica influência do dinheiro sobre o eleitorado e sobre o resultado dos pleitos. E assim por diante.

Leia — Sentimentos da Fé e do Império — Poemas de A. Veiga dos Santos
O Problema Operário e a Justiça Social — Ensaio de A. Veiga dos Santos

Breve: «O Império Voltará» — Notável obra de condensação do pensamento monárquico em todas as fases da história e em todas as regiões da terra. Puffantia de vários autores.

GURRICULUM DE ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

Nome simplificado -- ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

Nome completo -- Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos

Naturalidade -- Nascido em Ytu (São-Paulo) em 12.2.1902, filho de João Benedito dos Santos (natural de Ytu) e Josefina da Veiga Cabral dos Santos (natural da capital de S.Paulo). (1926)

Formatura principal -- Diploma de Filosofia e Letras, pela Faculdade Livre de Filosofia e Letras de S.Paulo agregada à Universidade De Lovaina (Bélgica), actual Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da Pontifícia Universidade Católica de S.Paulo.

Actividades literárias -- Começou muito cedo e já postava oralmente antes de entrar no Grupo Escolar Cesário Mota na terra natal. Publicou o primeiro poema pé-quebrado em 1913, aos 11 anos. Depois colaborou em jornalinhos manuscritos, dos quais um veio a tornar-se impresso, "A Bomba". Enquanto permaneceu em Ytu, colaborou assiduamente no semanário católico "A Federação", até 1921. Planejou a fundação do jornal literário "A Cítara", levado a efeito pelos seus companheiros quando se retirou para a capital. Um dos fundadores foi o saudoso Dr. Rui Fonseca, filho do Prof. Raul Fonseca, então exímio director do Grupo Escolar Cesário Mota, donde saiu Arlindo Veiga dos Santos para entrar no Colégio São Luís (dos Jesuítas) e em seguida no Ginásio Nossa Senhora do Carmo, iniciativa dos Profs. Dr. José Leite Pinheiro e José Esteves Carramenha, onde foi secretário, aluno e professor simultaneamente. Na capital continuou fiel à vocação jornalística. Foi director, redactor e colaborador de vários jornais e revistas, entre outros: Mensageiro da Paz, Diário Paulista, O Século (editoriais de doutrinação social, religiosa e política), O Bibliófilo (orientação literária), Santa Cruz (ficção, poesia e traduções, Pátria-Nova e O Império (orientação filosófica, política, sociológica e de revisão histórica), Revista da Faculdade de Filosofia de São Bento (filosofia política), A Cruzada (de Curitiba), ~~São Paulo~~ A Tribuna de Guarulhos, A Vanguarda, de Bebedouro, A Onda, de Campinas, Gil Vicente, de Guimarães (Portugal), Reconquista (história, filosofia política), etc., etc.

Actividades sociais, culturais e políticas -- Fundador principal em 1928, com o título de Conselheiro-Mor, de PÁTRIA-NOVA (centro monarquista de cultura social e política), mais tarde também chamada "Acção Imperial Patrianovista Brasileira" (ainda em vigor), cuja estrutura creou e estabeleceu em todo o País, pelo que Tristão de Athayde chegou a chamá-lo "restaurador do espírito imperial no Brasil" quando, sob sua direcção, o movimento se desenvolvia assombrosamente. A AIPB publicou publicou por todo o País, naqueles tempos, revistas, boletins, jornais e obras de grande repercussão nacional e internacional. Com o crescer do movimento o Conselheiro-Mor ~~passou~~ passou a Chefe Geral, cargo que ainda exerce com a renovação da empresa cessada publicamente em 1937. Em 1931, quando a nossa gente de cor procurou organizar-se eficazmente, aclamou Presidente Geral, cargo vitalício em sua pessoa, mas a que resignou espontaneamente/após haver estruturado e posto em plena eficiência o chamado movimento fretenegrino. Consolidada a "Frente Negra Brasileira" realizou imensa obra nacionalista e humanitária de levantamento cultural, social e económico da gente negra, cujos resultados permanecem e permanecerão. Foi encerrada compulsoriamente em 1937. -- Militou também no antigo Centro Dom Vital (secção de S.Paulo, é membro do Instituto de Direito Social, da Sociedade Paulista de Escritores, da Sociedade de Estudos Filológicos, da Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas, da Sociedade Geográfica Brasileira. Foi sócio activo da Associação Paulista de Imprensa e é, por aclamação da assembleia social, Sócio de Honra do Círculo Sueco Luso-Brasileiro de Estocolmo (Suécia). -- Outras distinções: Comendador da "Confraternità della Crociata di

em 1934

Cristo", de Trieste; Sócio correspondente da Biblioteca Partenopea de Nápoles; Membro de Honra da "Ordine Del Cardo", de Milão; Medalha de Ouro da Imperial Universidade Filo-Bizantina de Madrid; Membro Honorário do Instituto Internacional para Estudos e Desenvolvimento das Relações Humanas, de Veneza; Sócio Honorário da "Associazione Internazionale Insigniti Ordini Cavallereschi, de Palermo, Itália. Etc.

Obras -- Organização Monárquica do Estado, trad. (sociologia e política) -- Filosofia Política de Santo Tomás de Aquino (política e sociologia) -- História de hum Amor fingido (poesia) -- De Nóbrega e outros Patrícios (história) -- O problema operário e a justiça social (sociologia e história) -- Sentimentos da Fé e do Império (poesia) -- As Doutrinas políticas de Farias Brito, trad. (filosofia política) -- Orgânica Patrianovista (filosofia, política, história, sociologia e economia), em colaboração -- Santa Maria Magdalena, trad. (história) -- As Raízes históricas do Patrianovismo (política e história) -- Do Governo dos Príncipes e dos Judeus, trad. (filosofia política) -- O Esperador de Bondes (ficção) -- A lírica de Luís Gama (crítica e história) -- Brasileiros, às armas! (poesia) -- Ecos do Redentor (religião e história) -- Incenso da minha Miséria (poesia) -- Evocando o Passado (história), em colaboração -- Para a Ordem nova (sociologia e política) -- Da floresta a Paris, trad. (ficção) -- Satanás (poesia) -- Contra a Corrente (política, sociologia e história) -- Pátria-Nova (direcção), política -- O Bibliófilo (direcção), literatura -- O bálsamo das dores, trad. (ficção) -- O Carnaval (poesia) -- AMAR... e amar depois (poesia) -- Os filhos da Sabana (ficção). Etc.

Magistério -- Actualmente, só no curso superior: professor de História da América e de História do Brasil na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Bento (Pont. Univ. Cat. de SP) -- Também está substituindo a título precário Sociologia. -- Catedrático de Geografia Humana da Fac. de Filosofia de Lorena (não está em actividade). -- Antigo professor de Filosofia na Fac. de Filosofia de Campinas -- Ex-professor de Filosofia (Psicologia, Lógica e Ética), na Faculdade de Ciências Económicas do Liceu Sagrado Coração de Jesus de SP. -- Antigo professor de Ética no Curso de Formação Social da extinta "Frente Negra Brasileira".

138

Residência -- Avenida Esperança, 42 (Cidade de Guarulhos) -- Escritório na Capital: ~~avenida Ipiranga, 1248, 162, conj. 1604.~~

R. Capitão-Mor Jerônimo Leitão, 108, Sobrelaje.

CURRICULUM VITAE

do Prof. Dr. Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Nome simplificado -- ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

Completo -- ARLINDO JOSÉ DA VEIGA CABRAL DOS SANTOS

Naturalidade -- Nascido em Itu SP em 12.2.1902, filho de João Benedito dos Santos, natural de Itu, e Josefina da Veiga Cabral dos Santos, natural da Capital de São Paulo. Neto de Inácio dos Santos e Benedita Fonseca (avós paternos) e João da Veiga Cabral e Josefina Custódio de Barros (avós maternos).

Formatura Principal -- Diplomado em Filosofia e Letras (1926) pela Faculdade Livre de Filosofia e Letras de São Paulo, agregada à UNIVERSIDADE DE LIDVAINA (Bélgica), actual FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE SÃO BENTO, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Actividades Literárias -- Começou as suas actividades em verso e prosa, desde os onze anos. Enquanto permaneceu na terra natal (até 1920), colaborou assiduamente no semanário católico A FEDERAÇÃO. Planejou a fundação do jornalzinho literário A CÍCARA, levado a efeito pelos seus companheiros ao retirar-se para a capital donde enviava a sua colaboração. Antes, escrevera também um jornalzinho fundado por um grupo entusiasta de rapazes liderado pelo seu irmão Isaltino, prematuramente falecido em 1966 no Rio de Janeiro, em plena actividade na advocacia e no serviço público. O curso primário, fizera-o no GRUPO ESCOLAR CESÁRIO MOTA, de 1909 a 1913, frequentando depois o célebre COLÉGIO SÃO LUÍS dos Jesuítas até a sua transferência para a Capital em 1918, passando depois para o GINÁSIO NOSSA SENHORA DO CARMO, então fundado em Itu pelos professores Dr. José Leite Pinheiro e José Esteves Carramenhs, onde foi secretário, aluno e professor simultaneamente.

Foi director, redactor e colaborador de vários jornais e revistas, entre outros: Mensageiro da Paz, Diário Paulista, Diário Nacional (secção religiosa), O Século (editoriais de doutrinação religiosa, social e política); O Bibliófilo (informação e orientação literária), revista salesiana SANTA CRUZ (ficção, poesia e traduções), AVE MARIA, PÁTRIA-NOVA (orientação filosófica, política, sociológica e de revisão histórica), REVISTA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS DE SÃO BENTO (filosofia política), A CRUZADA (de Curitiba), TRIBUNA DE GUARULHOS, A VANGUARDA de Bebedouro, A ONDA, de Campinas, O IMPÉRIO, de Fortaleza, A VOZ DA RAÇA, de São-Paulo, A RECONQUISTA, revista trilingue, da qual foi um dos fundadores (história, filosofia, política... e teologia), GIL VICENTE, de Guimarães (Portugal), SCIENTIA JURIDICA, de Braga (Portugal), etc., etc..

ACTIVIDADES SOCIAIS, CULTURAIS E POLÍTICAS -- Fundador principal em 1928, com o título de Conselheiro-Mor, de PÁTRIA-NOVA (Centro Monarquista de Cultura Social e Política), mais tarde também chamada ACÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA (ainda em vigor), cuja estrutura creceu e estabeleceu em todo o País, pelo que Tristão de Athayde chegou a chamá-lo "restaurador do espírito imperial no Brasil" quando, sob sua direcção, o movimento se desenvolvia assombrosamente. Publicou a AIPB por todo o País, na década dos trinta especialmente, revistas, boletins, jornais e obras de grande repercussão nacional e internacional.

Em 1931, quando a nossa gente negra procurou

organizar-se eficazmente, alcançou o PRESIDENTE GERAL, cargo vitalício em sua pessoa, mas a que resignou espontaneamente em 1934 após haver estruturado e pôsto em plena eficiência o chamado movimento frentenegrino. Consolidada essa empresa, realizou imensa obra nacionalista e humanitária de desenvolvimento e levantamento cultural, social e económico da gente negra, cujos resultados permanecem e permanecerão. Foi encerrada compulsoriamente em 1937. — Militou também no antigo CENTRO DOM VITAL, secção de S. Paulo. É membro do INSTITUTO DE DIREITO SOCIAL, DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESCRITORES, DA SOCIEDADE DE ESTUDOS FILOSÓFICOS, da ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS, do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SP, bem como um dos sócios fundadores da ASSOCIATION DES POÈTES DE LANGUE FRANÇAISE DE S. PAULO. — Foi activo militante da Associação dos Professores de Ensino Secundário e Primário, donde saiu o Sindicato da mesma categoria.

DISTINÇÕES — Membro de Honra do Círculo Sueco Luso-Brasileiro de Estocolmo (Suécia), Comendador da "Confraternità della Crociata di Cristo", de Trieste; Sócio Correspondente da Biblioteca Partenopea de Nápoles; Membro de Honra do Ordine del Cardo, de Milão; Medalha de Ouro da Imperial Universidade Filo-Bizantina de Madrid; Membro Honorário do Instituto Internacional para Estudos e Desenvolvimento das Relações Humanas, de Veneza; Sócio Honorário da Associazione Internazionale Insigniti Cavallereschi, de Palermo, Itália. Etc.

O B R A S — IMPERIAL PIRATININGA (Poema), 1968 — VÁRIA MATÉRIA, 1963 — TOTALITÁRIOS E DEMOCRÁTICOS NA REDENÇÃO SOCIAL DO BRASIL, 1962 — IDÉIAS QUE MARCHAM NO SILÊNCIO, 1962 — BRASIL, PROVÍNCIA DEL-REI, 1960 e 1961 — APÊLO À NOCIDADE, 1958 — COMPRENSÃO DE FARIAS BRITO, 1956 — MAURRAS, DEFENSOR DA REALIDADE, 1956 — FILOSOFIA POLÍTICA DE STO. TOMÁS DE AQUINO, 1956 — HISTORIA DE HUM AMOR FINGIDO, 1955 — ORGANIZAÇÃO MONÁRQUICO DO ESTADO, de J. Valdeur, tradução e notas, 1956 — DE NÓBREGA E OUTROS PATRÍCIOS, 1955 — O PROBLEMA OPERÁRIO E A JUSTIÇA SOCIAL, 1953 — SENTIMENTOS DA FÉ E DO IMPÉRIO, 1952 — AS DOCTRINAS POLÍTICAS DE FARIAS BRITO, de Francisco Elias de Tejada. Tradução. 1952 — ORGÂNICA PATRIANOVISTA (Em colaboração), 1950 — SANTA MARIA MADALENA, de Lacordaire, tradução. 1948. — AS RAÍZES HISTÓRICAS DO PATRIANOVISMO, 1946 — O ESPERADOR DE BONDES (Novela). 1944 — A LÍRICA DE LUÍS GAMA (História e crítica). 1944 — BRASILEIROS, AS ARMAS! (poema), 1943 — ECOS DO REDENTOR (Ensaio). 1942 — INCENSO DA MINHA MISÉRIA (Poesia), 1941 — JESUS, REI DOS REIS, de MacPherson e MacMahon, tradução, 1941 — DO GOVERNO DOS PRÍNCIPES E DOS JUDEUS, 1.ª edição, 1937 — PARA A ORDEM NOVA, 1933 — DA FLORESTA A PARIS, de Mariá de Poz, tradução. 1933 — O SÉCULO (d direcção doutrinária). 1931-32 — SATANÁS (Poema), 1932 — CONTRA A CORRENTE (Doutrina), 1931 — PÁTRIA-NOVA (Direcção política), 1928-33 — O BIBLIÓFILO (Direcção), 1927 — O BÁLSAMO DAS DORES (Novela), de Ângela Grassi, tradução. 1926. — O CARNAVAL (Poema). 1925 — AMAR... E AMAR DEPOIS (Poema), 1923 (Primeira menção honrosa da Academia Brasileira de Letras) — OS FILHOS DA CABANA (Pieção), 1921-23. Isso, além de muitas traduções de várias línguas e publicações menores e ocasionais.